

**casa branca terra roxa
asa branca terra roxa c
sa branca terra roxa ca
a branca terra roxa cas
branca terra roxa casa
ranca terra roxa casa b
anca terra roxa casa br
nca terra roxa casa bra
ca terra roxa casa bran
a terra roxa casa blanc
terra roxa casa branca
erra roxa casa branca t
rra roxa casa branca te
ra roxa casa branca ter
a roxa casa branca terr
roxa casa branca terra
oxa casa branca terra r
xa casa branca terra ro
a casa branca terra rox
casa branca terra roxa**

**maicon rodrigo rugeri
tcc arquitetura e urbanismo
unila foz do iguaçu 2017**

instituto latino-americano de tecnologia,
infraestrutura e território ILATIT

arquitetura e urbanismo

casa branca, terra roxa

modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero

maicon rodrigo rugeri

trabalho de conclusão de curso
apresentado ao instituto latino-
americano de tecnologia, infraestrutura
e território da universidade federal da
integração latino-americana, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em arquitetura e urbanismo.

orientadora: profa. dra. andréia moassab

maicon rodrigo rugeri

casa branca, terra roxa

modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero

trabalho de conclusão de curso apresentado ao instituto latino-americano de tecnologia, infraestrutura e território da universidade federal da integração latino-americana, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em arquitetura e urbanismo.

banca examinadora

orientadora: profa. dra. andréia moassab

banca interna: profa. dra. celine veríssimo

banca interna: profa. dra. patricia zandonade

banca externa: prof. ms. bruno oliveira

foz do iguaçu, 15 de dezembro de 2017.



ni la tierra ni las mujeres somos territorio de conquista
colectivo mujeres creando

RUGERI, Maicon Rodrigo. **Casa branca, terra roxa: modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero.** 2017. 90. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

re s u m o

Este trabalho tem por objetivo uma análise crítica da arquitetura no espaço rural, abordando o debate de gênero no espaço doméstico e as relações de poder presentes nele. Para este fim analisaremos o processo de mudança na casa rural no oeste do Paraná nas últimas décadas e a relação entre espaço e gênero a partir do estudo de caso da casa da Dona Maria em Serranópolis do Iguaçu. O patriarcado tem mantido há séculos a mulher no espaço doméstico, destinando os espaços públicos aos homens. Nessa distinção de gênero está presente a subalternização da mulher nos processos decisórios e a sua participação da vida pública, ficando esta confinada ao espaço doméstico-privado. Por sua vez, o modelo civilizatório da modernidade ocidental também subalternizou o espaço rural frente ao espaço urbano. E uma terceira camada de análise se faz necessária: de classe. Afinal, o espaço rural em questão é aquele das/os trabalhadoras/es rurais. Imposta sob essa ótica, a arquitetura no espaço rural da região oeste do Paraná, foi se transformando sobretudo por processos econômicos que foram apagando a identidade cultural e criativa das/os moradoras/es para dar lugar a casas padronizadas, sob os paradigmas de desenvolvimento pautados por espacialidades, técnicas construtivas e materiais urbanos. Outra relação que ocorre no espaço doméstico dessas casas, é a reprodução da opressão das mulheres, por causa das estruturas de dominação masculina que dividem desigualmente os papéis sociais - e espaços - entre homens e mulheres. Enquanto no espaço interior doméstico o trabalho é cansativo e invisibilizado, em contrapartida, no espaço exterior doméstico, os espaços de cultivo, como os jardins, hortas e as roças, produzem afetos, sentidos simbólicos, identitários e de autoestima, e conformando assim, um paisagismo subjetivo ou dos afetos. A arquitetura e as/os arquitetas/os estão transpassadas/os por relações de gênero que oprimem suas/eus usuárias/os e não colaboram para a sua emancipação. Por fim, a apresentação deste trabalho será uma experimentação visual com suporte da narrativa textual.

palavras -

Espaço rural. Arquitetura. Espaço doméstico. Gênero. Paisagismo subjetivo.

chave

RUGERI, Maicon Rodrigo. **Casa branca, terra roxa: modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero.** 2017. 90. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

re su m én

Este trabajo tiene por objetivo un análisis crítico de la arquitectura en el espacio rural, abordando el debate de género en el espacio doméstico y las relaciones de poder presentes en él. Para este fin analizaremos el proceso de mudanza en la casa rural en el oeste de Paraná en las últimas décadas y la relación entre espacio y género a partir del estudio de caso de la casa de la Doña Maria en Serranópolis de Iguaçu. El patriarcado mantiene desde a siglos a la mujer en el espacio doméstico, destinando los espacios públicos a los hombres. En esa distinción de género está presente la subalternización de la mujer en los procesos decisorios y su participación de la vida pública, quedando esta confinada a el espacio doméstico-privado. Por su vez, el modelo civilizatorio de la modernidad occidental también subalternizó el espacio rural frente al espacio urbano. Y una tercera camada de análisis se hace necesaria: de clase. Al final, el espacio rural en cuestión es aquello de las/os trabajadoras/es rurales. Impuesta bajo a esa óptica, la arquitectura en el espacio rural de la región oeste de Paraná, se fue transformando sobretudo por proceso económicos que fueron borrando la identidad cultural y creativa de las/os habitantes para dar lugar a casas estandarizadas, bajo paradigmas de desarrollo pautados por espacialidades, técnicas constructivas y opresión de las mujeres, por causa de las estructuras de dominación masculina que dividen desigualmente los papeles sociales - y espacios - entre hombres y mujeres. Mientras en el espacio interior doméstico el trabajo es arduo e invisibilizado, en contrapartida, en el espacio exterior doméstico, los espacios de cultivo, como los jardines, huertas y plantíos, producen afectos, valores simbólicos, identitarios y de autoestima, conformando así, un paisajismo subjetivo. La arquitectura y las/os arquitectas/os están traspasadas/os por relaciones de género que oprimen sus usuarias/os y no colaboran para su emancipación. Finalmente, la representación de este trabajo será una experimentación visual como soporte de la narrativa textual.

palabras -

Espacio rural. Arquitectura. Espacio doméstico. Género. Paisajismo subjetivo.

clave

S

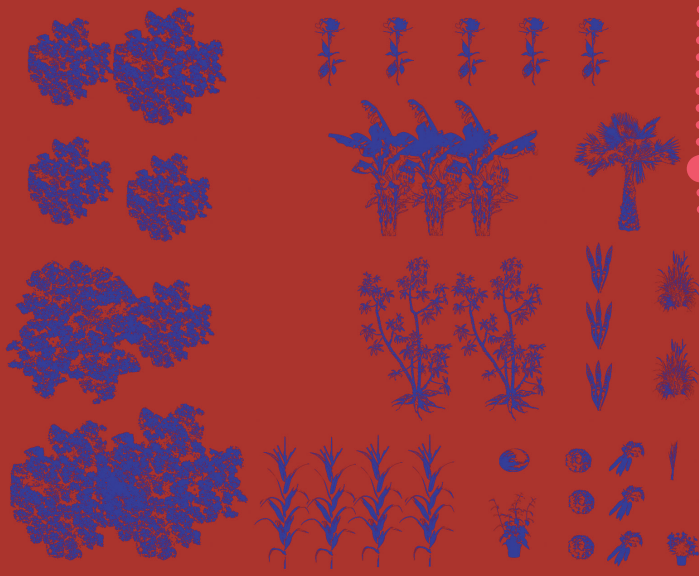
O



*dedicado à minha mãe,
às casas que desapareceram e
às plantas que crescem fora de lugar*

L

N



referências
bibliográficas

página 84

epílogo página 82

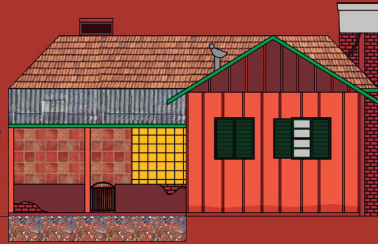
paisagismo
subjetivo

página 66



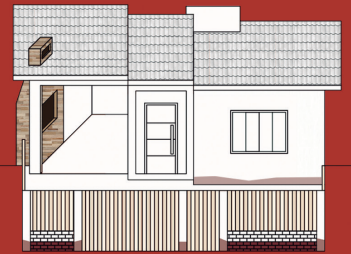
o paiol

página 32



a casa velha

página 40



a casa nova

página 54

inserção no território página 24

percurso pelas referências página 18

metodologia página 16

apresentação página 13





apresentação

Desde a colonização da América, a manutenção de estruturas de poder, dominação e de violência, próprias da colonialidade, produziram diferentes arquiteturas: de um lado as casas dos ganhadores¹ e do outro, as casas das/os perdedoras/es² (HOBSBAWN, 2010); no espaço rural, de um lado as casas dos senhores de engenhos, do outro os barracos do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Esse processo colonial que resulta nas arquiteturas das casas de fazendas e das senzalas, se impôs no território onde haviam as casas indígenas. Ao falar de território rural vale elucidar que a colonialidade do saber (MIGNOLO, 2007) produz uma narrativa histórica baseada nas noções civilizatórias da modernidade ocidental, que concebe os espaços naturais e rurais como “espaços vazios” e “atrasados”, justificando ações de desenvolvimento em direção ao “progresso”, mesmo que destruam e exterminem culturas, comunidades e recursos.

A arquitetura, uma área do conhecimento, ao mesmo tempo naturalizada como produto mercadológico, está permeada por relações colonizadas de pensar e conceber espaços, reproduzindo opressões de gênero, raça e classe. Além disso, os espaços rurais são subalternizados e periféricos dentro dos estudos arquitetônicos, os quais privilegiam os centros urbanos como *locus* da produção de conhecimento. Isso resulta na exclusão sistemática dos espaços e das arquiteturas rurais das discussões e debates arquitetônicos e paisagísticos. Tais contextos apenas ganham alguma visibilidade quando são de alguma excentricidade romântica, como as casas de campo abastadas ou casarões coloniais.

O discurso acerca da/o campesina/o reforça o padrão civilizatório da modernidade ocidental. A/o civilizada/o é correspondente ao habitante urbano, o modelo produtivo ideal europeu, e a/o não-civilizada/o ao habitante não-urbano, como a/o habitante rural, estigmatizada/o por pessoas maltrapilhas, sujas, feias, preguiçosas, que “falam mal” o português e que vivem em condições precárias. Arelada a essa carga simbólica está a arquitetura, que passa pelas mesmas construções hierárquicas.

¹ Eric Hobsbawn, em seu livro *A era do capital: 1848-1875* (1975), utiliza o termo ganhadores para se referir aos países da Europa central e Estados Unidos (países com poderio econômico, tecnológico e militar) e o termo perdedores para os países que são vítimas de suas dominações, como os países da América Latina, África e Ásia.

² Adoto uma estratégia política de visibilidade de gênero ao flexionar o gênero nas palavras, escrevendo primeiramente o feminino e depois masculino, quando a regra formal usa apenas o gênero masculino para designar ambos gêneros. É necessário esclarecer que quando a palavra se referir ao poder hegemônico será mantido exclusivamente o gênero masculino.



Sob este aspecto, neste trabalho de conclusão de curso, procuro identificar e mostrar algumas das tipologias arquitetônicas predominantes no território rural do oeste do Paraná e sua paisagem, baseando-me nas habitações das/os trabalhadoras/es do campo, usualmente fora dos estudos em arquitetura. Como estudo de caso, utilizo a casa da Dona Maria – um pseudônimo, comum a várias mulheres – localizada no município de Serranópolis do Iguaçu, no oeste paranaense³. A partir dele, analisarei como acontecem as transformações no tempo, no espaço, na arquitetura, na paisagem e nas subjetividades das/os individuais/os. Indispensável a essa análise arquitetônica e paisagística é a relação dessas arquiteturas com os papéis sociais de gênero da mulher, que estão diretamente ligados à existência, produção e manutenção desses espaços (DAVIS, 2013).

³O município de Serranópolis do Iguaçu possui 4.568 habitantes (IBGE, 2010) e tem por base econômica a produção de grãos como soja e milho, e a pecuária. A maior parcela da sua população é rural.



Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles
Chantal Akerman, 1975

Este trabalho tem como objetivo contribuir para o debate arquitetônico e paisagístico, visando a produção de arquiteturas mais incluídas e menos opressoras, especialmente no que tange a diminuir o trabalho das mulheres para a manutenção da casa e do cotidiano da família. Trata-se de identificar e denunciar as inúmeras relações desiguais de poder, no espaço construído e habitado; fomentar um debate sobre a arquitetura e a paisagem em contextos rurais; fomentar discussões de gênero na arquitetura; aprender com os conhecimentos populares, as vivências e experiências espaciais; e a valorização do espaço exterior doméstico (VERÍSSIMO, 2013) nos estudos arquitetônicos.

Para isso, o recorte metodológico tem por base a interseccionalidade gênero/raça/classe/território, a partir das teorias feministas e dos estudos decoloniais. Outra dimensão metodológica fundamental concerne ao levantamento da organização espacial da Casa da Dona Maria.

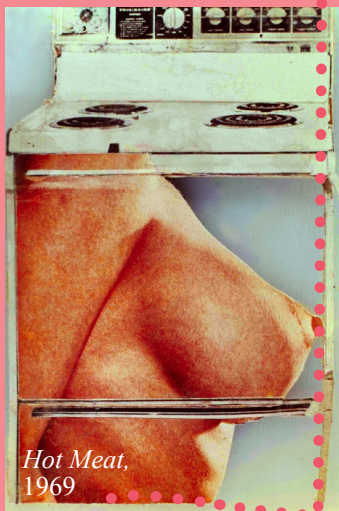
Assim lançaremos mão da etnoarquitetura (PORTOCARRERO, 2010; MOASSAB e BASTOS, 2014), uma interface de diálogo entre arquitetura e antropologia, de modo que nesta dimensão metodológica é inerente ao levantamento arquitetônico, a componente etnográfica. Em outras palavras, a etnoarquitetura tem demonstrado que o levantamento arquitetônico, em conformidade com as técnicas do desenho arquitetônico são insuficientes para traduzir toda a complexidade da produção de sentidos do espaço construído e habitado (MOASSAB e BASTOS, 2014). Embora pouco explorada, há pelo menos duas décadas alguns trabalhos sobre arquitetura indígena no Brasil têm sido desenvolvidos nesta linha de questionar e rever o desenho arquitetônico, incluindo as vivências nos espaços e outras informações que colaboram para a sua compreensão, muito além do desenho técnico higiênico e cartesiano.

metodolo
od



Igualmente relevante é o pensamento visual-imagético, a representação dos dados e das análises desses lugares é também apresentação e reflexão, não sendo uma tarefa a posteriori. O desenho arquitetônico também produz e é produto da racionalidade do pensamento ocidental (ESCOBAR, 2016), que exclui as relações afetivas, sócio-espaciais, emocionais das representações arquitetônicas, colocando como plano principal o traço da/o arquiteta/o, a apreciação e o fetiche consumista pelas formas, geometrias e materiais. Esse desenho, assim como a modernidade ocidental, determina apenas uma forma de leitura espacial — lidas por quem domina os códigos daquele saber — deixando de fora todas as vivências, relações e experiências das/os usuárias/os com os espaços. Por isso, neste trabalho é importante desenhar alternativas à representação convencional, visibilizando as relações afetivas e socioculturais dos corpos com o lugar, traçando um caminho para práticas emancipatórias na arquitetura e no paisagismo.

As divisões político-administrativas não são um preciso recorte para este trabalho, já que as relações afetivas do cotidiano não são abrangidas nas delimitações políticas de uma linha no mapa. As arquiteturas e os paisagismos aqui analisados não pertencem precisamente a um município em específico — ainda que tenham por base Serranópolis do Iguaçu —, pois eles aparecem/desaparecem com as diferentes dinâmicas de consolidação dos territórios.



Hot Meat,
1969

Martha Rosler



Semiotics of the Kitchen,
1975



Hartford Wash: Washing,
Tracks, Maintenance, 1973

Mierle Laderman Ukeles

per
curso

Andréia Moassab

pelas
refer
ências



El mundo de la mujer,
1972

María Luisa Bemberg

Wanda Pimentel
Série Envolvimento, 1968



Angela Davis



Jeanne Dielman, 23,
Quai du Commerce,
1080 Bruxelles,
1975

Chantal Arkeman

José Miguel Cortés

Georgina de Albuquerque

Na plantação de café, 1930



Wheatfield - A Confrontation, 1982

Agnes Denes



Sem título, 1967
Teresa Burga



Plegaria Muda, 2008
Doris Salcedo



Arroz e Feijão, 2010
Ana Maria Maiolino

Walter Mignolo

Eric Hobsbawn

Raquel Alves de Carvalho

O trabalho se estrutura a partir de diferentes teorias e experiências artísticas. Além de autoras e autores e seus escritos fundamentais para compreensão do tema, busquei também trabalhos artísticos que levantam essas discussões sobre modernidade, espaço rural, arquitetura e as suas relações de gênero, através de outros dispositivos e meios, como pintura, instalação ou cinema. Tão importante quanto dar visibilidade ao tema deste trabalho, é com ele visibilizar outras formas de compreensão e conhecimento do mundo, principalmente vindas daquelas que se encontram às margens destas narrativas de poder epistemológicas, como acontece na própria arquitetura ou nas artes.



The West Indian Front Room, 2005
Michael McMillan

Sylvia Dobry

Pierre Bourdieu

Rachel Whiteread
House, 1993

Arturo Escobar

Judith Butler

Celine Veríssimo

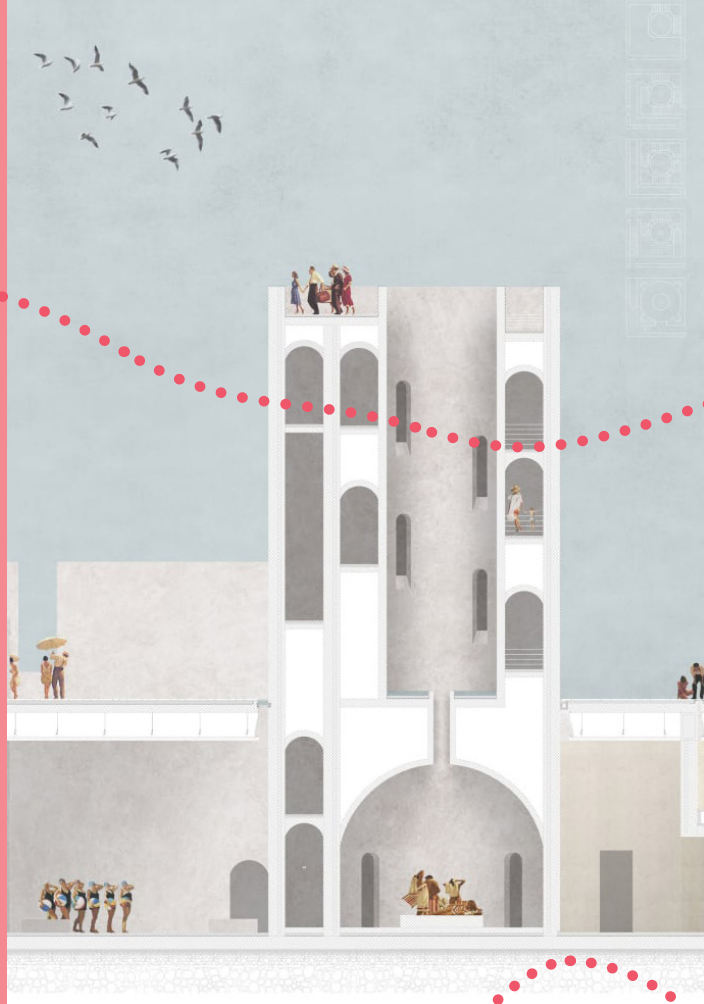
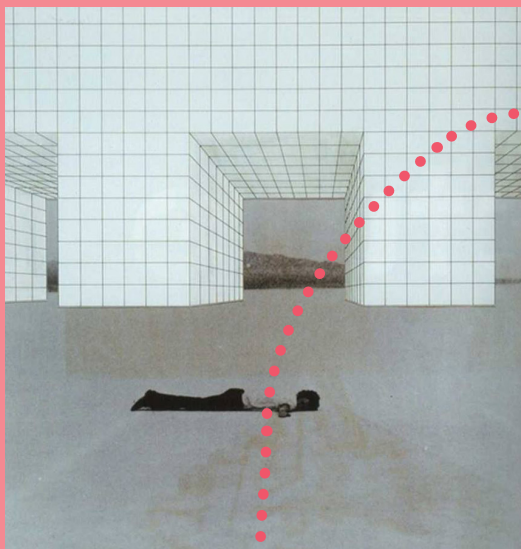
Zuleika Alvim



María Teresa Hincapié
Una cosa es una cosa, 1990



grupo Superstudio
Monumento Continuo, 1969



Tagus Baths, 2016
Maria Morais

per
curso

pelas
referências
representação em arquitetura
e cartografias



Garden - A World Model, 1973
Öyvind Fahlström

Bruno Oliveira e Vitor Tozarin
Oficina botânica ordinária, 2017



León Ferrari
Camas, 1982



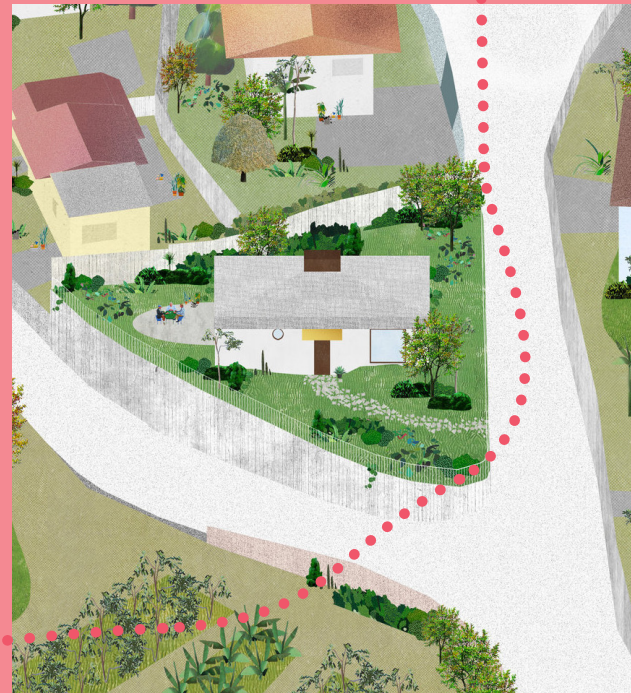
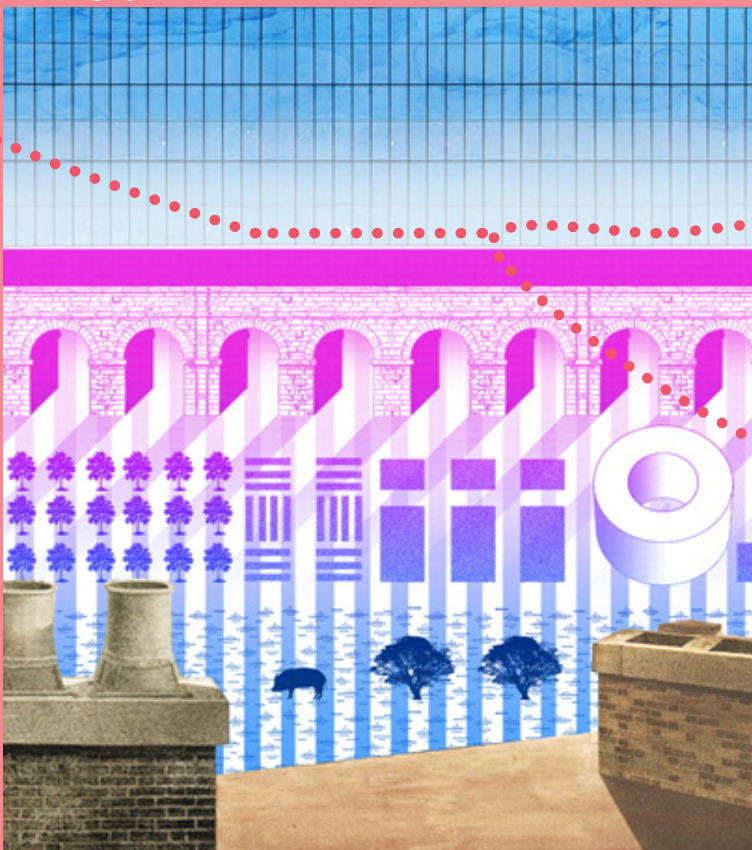


Architecture of Abandoned Housing, Sem data
Olalekan Jeyifous



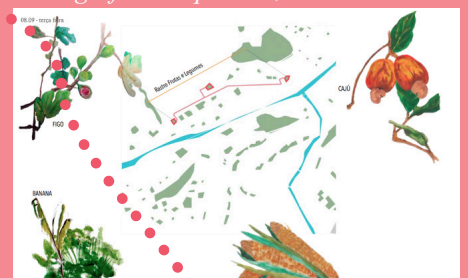
Palestine, 2013
Joyce Kozloff

Sam Jacob
Archaeograph 1, 2014



House for three generations, 2015
Fala atelier

Rafael Vidal
Cartografia dos quintais, 2015



o papel da arte no conhecimento

Muitas reflexões e análises desse trabalho resultam de experiências artísticas que levantam discussões sobre arquitetura, papéis de gênero, paisagem, plantas e memórias, principalmente feitas por mulheres artistas.



Essas obras, a partir da experiência visual, de sensações e percepções, nos permitem pensar e entender questões sobre esses temas, por meios que são diferentes da usual teoria escrita. As obras artísticas em destaque neste trabalho, suscitam importantes debates sobre o espaço do corpo feminino e em relação aos espaços urbanos/rurais (Agnes Denes), ao próprio espaço da arte (Mierle Laderman Ukeles) e ao espaço doméstico, como a cozinha (Chantal Akerman, Martha Rosler). Essas experiências visuais, apresentadas em formas audiovisuais, instalações e performances, questionam a lógica patriarcal, a separação do espaço e do trabalho por gênero, a subordinação da mulher, a opressão e a violência de gênero, e criticam o capitalismo, a produção de alimentos, o meio ambiente ou mesmo a narrativa hegemônica da arte. Dentro do sistema-arte, esses trabalhos possuem uma força de protesto e manifesto imensa, fazem da arte uma força política e vice-versa, sendo a estética trabalhada a partir do posicionamento dos corpos femininos e sua performances nos espaços, como plantar e colher no espaço urbano (Agnes Denes), como limpar (Mierle Laderman Ukeles) no espaço do museu e cozinhar (Martha Rosler) no espaço doméstico. A produção de sentidos dessas experiências poéticas e políticas sacodem a narrativa tradicional da arte moderna ocidental, epistemologicamente eurocêntrica, machista, racista e burguesa, e criam divergências estéticas que tensionam os limites do objeto artístico e dos sistemas de representação e produção de sentidos. Porém estas obras são situadas no norte global, deixando de fora de seus tensionamentos questões concernentes às especificidades latino-americanas, por exemplo.

Quero dizer que a plantação realizada pela artista Agnes Denes, só se faz legível por estar situada em meio à cidade de Nova Iorque, criando a contradição entre urbano e rural em uma das cidades mais urbanizadas do mundo. Se situada em outros lugares, como na América Latina rural, ou mesmo o espaço rural deste trabalho, a obra não teria o mesmo significado, pois plantações de trigo são parte do cotidiano rural dessas/es habitantes, não levantando discussão alguma, e se confundiria apenas com o trabalho comum e rotineiro na terra.

Também a limpeza do museu Wadsworth Atheneum, pela artista Mierle Landerman Ukeles é um manifesto, pois é lida junto ao espaço do museu, este, que sistematicamente exclui as mulheres artistas de suas exposições e acervos. O trabalho doméstico de limpeza e manutenção, situado no cotidiano doméstico das mulheres, é exaustivo, opressor e invisibilizado, e se torna um manifesto quando exposto dentro de espaços naturalizados como masculinos, por exemplo, um museu de arte dos Estados Unidos. Descolado desse contexto espacial, a obra perderia sua força de contestação e se transformaria em mais uma atividade cotidiana em que milhares de mulheres são submetidas diariamente. Vale também aclarar, que essa relação do corpo feminino com o espaço doméstico, se dá por um recorte situado em corpos urbanos, brancos e que de alguma forma, apresentam características de classe (a mulher mostrada, é a dona de casa, não é a trabalhadora assalariada).

Isso não diminui, de nenhuma maneira, a importância das obras e o trabalho dessas mulheres artistas, por outro lado, nos ajudam a identificar e entender ainda mais, como a colonialidade transpassa inúmeros corpos e territórios





S

PARAGUAI

FOZ DO IGUAÇU

SANTA TEREZINHA DE ITAIPU

ARGENTINA

SÃO MIGUEL DO IGUAÇU

MEDIANEIRA



15min

20min

10min

SERRANÓPOLIS DO IGUAÇU

1h30

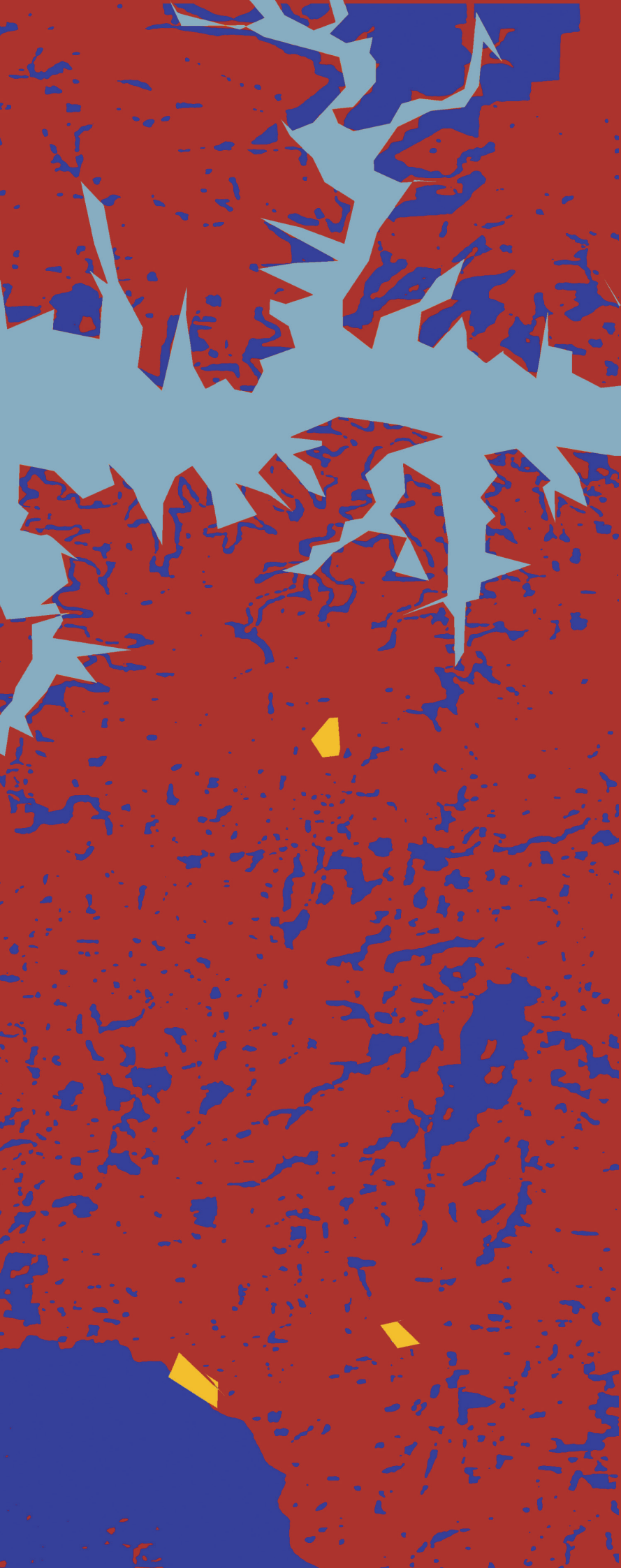
MATELÂNDIA


L


PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU

BRASIL

inser ção no territ ório



 deslocamento da Dona Maria no território por carro

 casa da Dona Maria

 rios paraná e iguaçu

 mato

 território urbano

 ampliação na próxima folha

sobre representação em arquitetura

Este trabalho de conclusão de curso é uma reflexão sobre a produção de sentidos e representação em arquitetura. Através da experimentação visual aqui proposta, procura-se tensionar o quanto o desenho técnico deixa de representar a pluralidade de sentidos e vivências na arquitetura.

O desenho técnico em arquitetura reproduz uma das facetas de poder da modernidade ocidental, que sob sua racionalidade tecnocientífica constrói uma episteme europeia e colonial, naturalizada como universal, neutra e verdadeira, ocultando a perversa estrutura de eliminação de saberes e expressões populares e da diversidade de vivências nos espaços, apagadas pela funcionalidade. Além disso, o desenho técnico possibilitou a divisão histórica entre trabalho intelectual e manual na arquitetura, hierarquizando o primeiro sobre o segundo. Essa desigualdade aparece com maior força no canteiro de obras, pela exploração e alienação do trabalho do construtor, convertendo o desenho num instrumento de comando do capital (ARANTES, 2012).

A representação convencional em arquitetura supervaloriza a precisão métrica-matemática, a geometria cartesiana e a racionalização dos usos dos espaços, em detrimento aos outros fatores arquitetônicos, as questões ambientais, psicológicas, o cotidiano, sensações, emoções, o tempo e experiências

de habitar. Ou seja, há uma imensa valorização num projeto fixo, estável, terminado e higiênico, naturalizado como “verdadeiro”, que acaba numa exaltação acrítica colonizada das formas materiais da arquitetura, reduzindo toda a potência espacial a linhas, fluxos e a códigos abstratos. Além disso, o desenho técnico tem uma gramática própria, entendida apenas por quem aprendeu a lê-lo, ou seja, os profissionais da área. Essa linguagem hermética concentra o saber, não democratizando o acesso ao conhecimento e ainda produz ruídos e falhas na comunicação entre profissionais e usuárias/os, como por exemplo, a não compreensão das propostas projetivas das/os arquitetas/os ou edificação que não atendem as necessidades das/os usuárias/os.

Nos desenhos deste trabalho, portanto, procurei experimentar representações alternativas, por meio de uma reflexão visual que traz outras informações a leitura e entendimento dos espaços. Assim, esse trabalho de conclusão de curso é um manifesto para a desconstrução das formas de expressão canônicas em arquitetura.

inserção local

deslocamento da Dona Maria no território por carro e a pé


casa da Dona Maria 

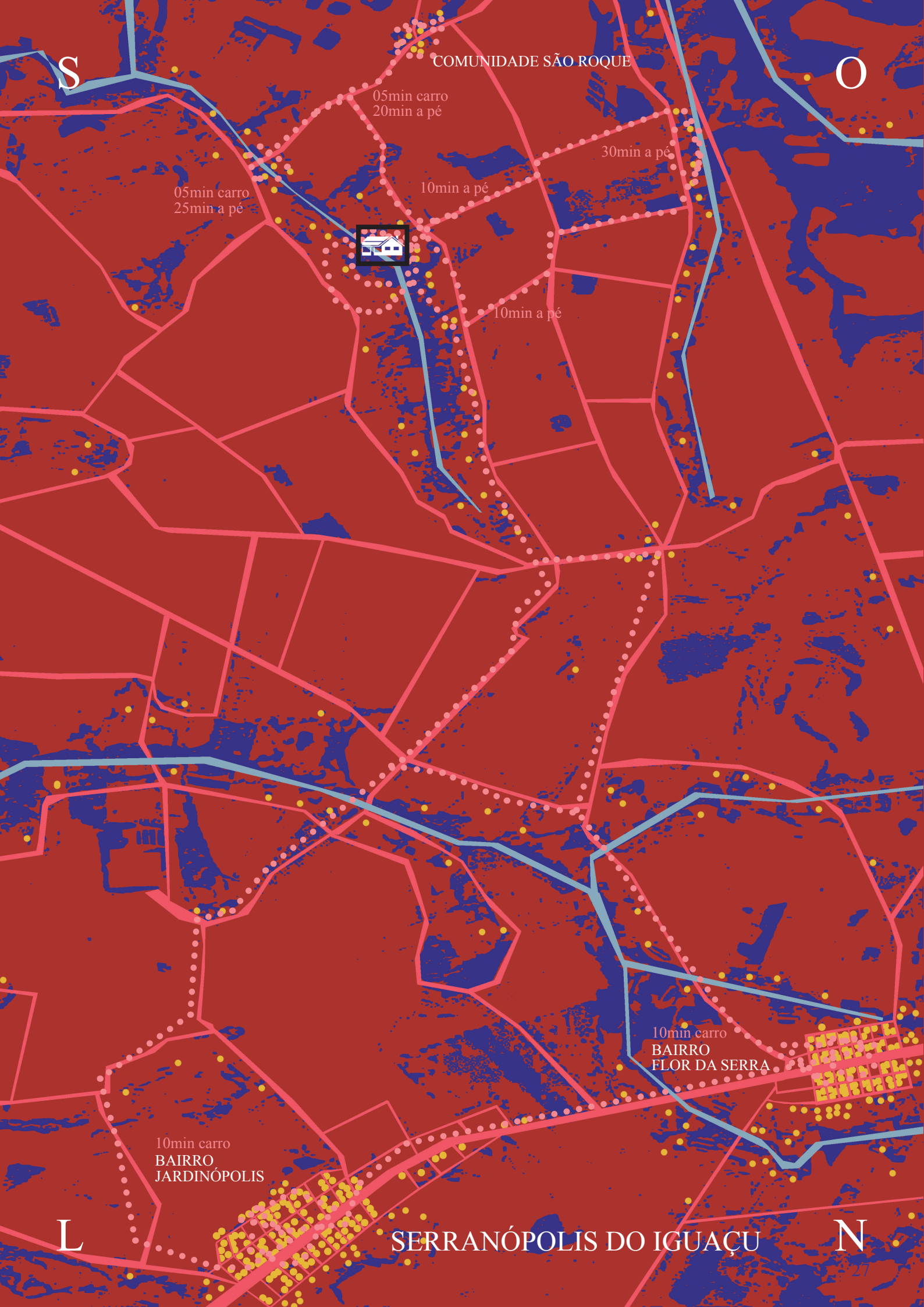
estradas 

mato 

rios 

edificado 

ampliação na próxima folha 



COMUNIDADE SÃO ROQUE

05min carro
20min a pé

30min a pé

05min carro
25min a pé

10min a pé

10min a pé

10min carro
BAIRRO
JARDINÓPOLIS

10min carro
BAIRRO
FLOR DA SERRA

SERRANÓPOLIS DO IGUAÇU

Para isso, optei, no caso da representação arquitetônica, por construir o desenho a partir do programa de computador AutoCAD, o mais conhecido e usado entre as/os arquitetas/os, para evidenciar que muitas vezes não é preciso buscar outras ferramentas, mas sim se apropriar das existentes e acessíveis e adequá-las a outros processos de representação. Trabalhos como este têm sido feitos por uma nova geração de arquitetas e arquitetos que utilizam as ferramentas digitais para transformar, resgatar ou propor desenhos arquitetônicos mais provocativos, ricos e expressivos, como por exemplo Fala Atelier, a arquiteta Maria Moraes, o arquiteto Sam Jacob e o arquiteto e artista Olalekan Jeyifous.

Também, procurei através dos desenhos elaborados, não reproduzir técnicas convencionais na arquitetura como a planta baixa, o corte ou a perspectiva, e sim pensar em outras formas de representar e mostrar os espaços que sejam mais inteligíveis. Para tanto, me inspirei em desenhos que fazia quando criança e na forma intuitiva de organização e percepção do espaço, sempre visando uma leitura e um entendimento mais acessível a todas/os e menos codificado. As cotas que usualmente medem numericamente os espaços, nesses desenhos medem nomeadamente, ou seja, mais importante que as metragens, que são variáveis e imprecisas, é nomear e tornar visível os lugares que, geralmente, não são considerados pela arquitetura. As cores e as texturas criam sentidos e acrescentam informações importantes para a compreensão do espaço. A predominância dos tons alaranjados e rosados contextualiza a terra vermelha presente no oeste paranaense. As texturas mostram as características visuais dos materiais usados na arquitetura e nos espaços e a passagem do tempo, como a sujeira, a marca de terra, buscando uma representação menos abstrata e mais familiarizada com o cotidiano.

Se por um lado os desenhos ganharam marcas do cotidiano, do tempo, do envelhecimento e do uso, as figuras humanas, por outro lado, são exatamente o contrário. Recortadas de anúncios estadunidenses de produtos de limpeza e eletrodomésticos das décadas de 40 e 50, as figuras de mulheres utilizadas ao longo do trabalho evidenciam, por contraste, com um toque de ironia, a cobrança de perfeição exigida pelo patriarcado. Elas são o estereótipo de esposas e donas de casa ideais, onde além de responsáveis pela manutenção da casa, do cuidado das/os filhas/os e para com o marido, deveriam estar sempre bonitas, bem vestidas e maquiadas, obrigadas a atender esses padrões sociais naturalizados. Isso contrasta fortemente com a realidade das donas de casa - principalmente das mulheres rurais - já que o trabalho doméstico é cansativo, desgastante, estressante, nunca realizado por mulheres bem vestidas e maquiadas.

Por sua vez, a opção pelos carimbos das ferramentas, das plantas e dos animais, trazem para o desenho os elementos que condicionam as transformações e produções de espaço no campo, as ferramentas que criam ou destroem os lugares e o pensamento espacial que inclui as plantas e os animais. O carimbo tem uma relação com o trabalho manual e repetitivo, sendo análogo ao trabalho doméstico que também é manual e repetitivo. Trabalhos artísticos que usam carimbos foram referência para esta proposta, como é o caso da Oficina Botânica Ordinária de Bruno Oliveira e Victor Tozarin, e o trabalho de conclusão de curso de Victor Tozarin (2016).

Nos mapas (e nos desenhos), mais importante do que precisões métricas-matemáticas que traduzem uma falsa noção de realidade, optei por representar as relações das mulheres no espaço, no caso a Dona Maria, mostrando essa relação na arquitetura, nos lugares que ela desempenha suas práticas cotidianas e nos mapas, nos deslocamentos e uso do território. Toda representação é uma distorção, como bem tem demonstrado a cartografia crítica e artistas desde os anos 1960 (Öyvind Fahlström (1973), o coletivo Iconoclastas (2006), André Mesquita (2014)). Na América Latina, trabalho como “América Invertida” de Joaquín Torres García, tem questionado os mapas desde os anos 1940.



Além disso, existem elementos usados para legitimar a suposta veracidade e por sua vez, a cientificidade dos mapas ou das representações em arquitetura, que são a escala numérica, medições, pontos cardeais, etc, os quais foram abandonados ou modificados nessa experimentação.

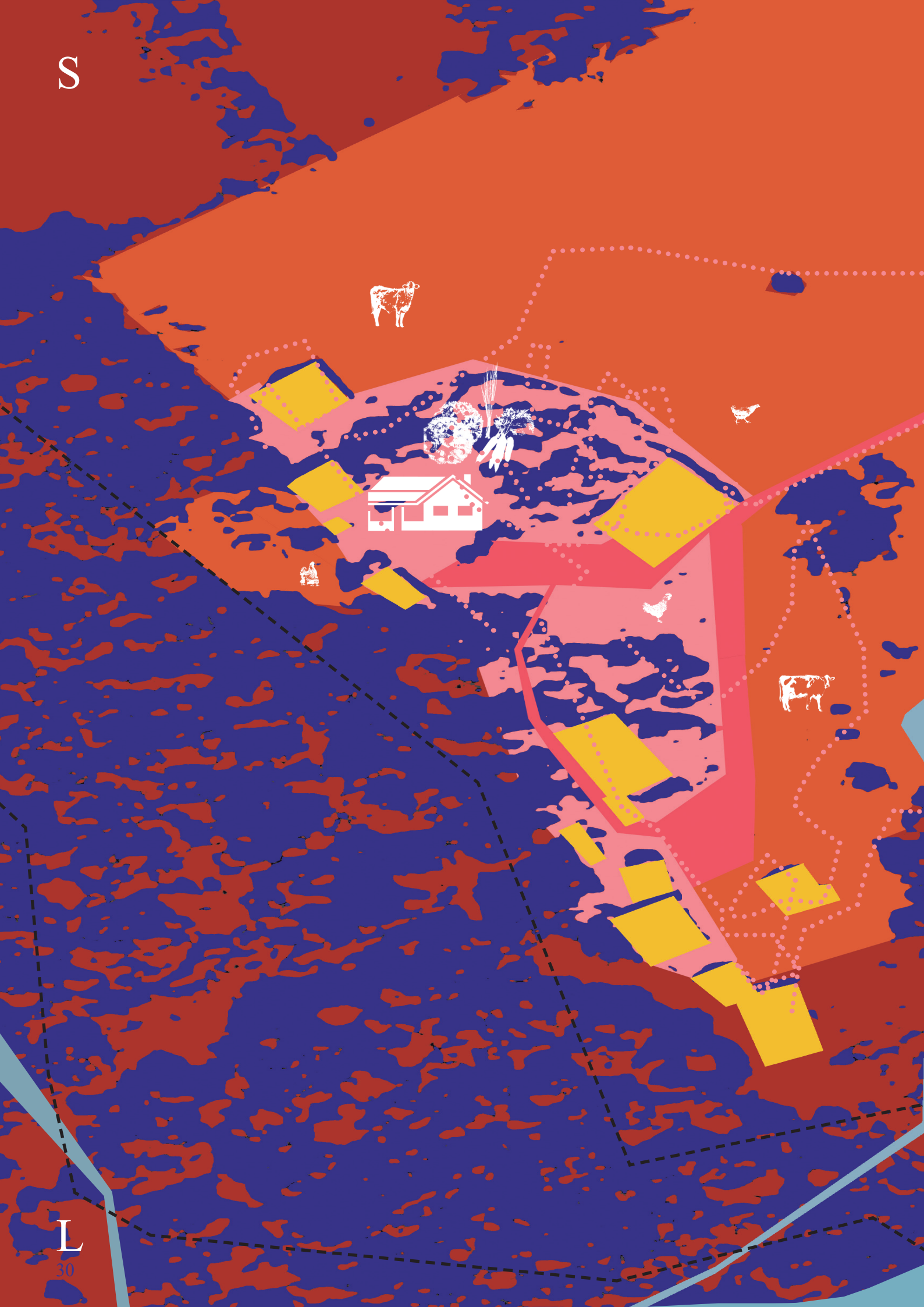
Para evidenciar outros sentidos nessa linguagem, inclusive o político, inverteu-se, à semelhança de Joaquín Torres García, a orientação dos pontos cardeais. Para cima à esquerda, o sul, de América do Sul, e à direita, o oeste da região paranaense. Trata-se de uma escolha política pois aponta para o sul como perspectiva, tirando do foco o norte global.

Ainda que virar o mapa não seja suficiente para acabar com os diversos sistemas de opressão, como aponta Bruno Oliveira (2016), toda representação é política, e portanto, este trabalho é certamente uma forte escolha política contra os cânones da arquitetura, mesmo que claramente insuficiente. As opções de representação acompanham e pensam, sendo assim, um conjunto de questionamentos sobre modernidade, espaço rural, arquitetura e questões de gênero.

América Invertida
Joaquín Torres García, 1943

“El mapa miente. La geografía tradicional roba el espacio, como la economía imperial roba la riqueza, la historia oficial roba la memoria y la cultura formal roba la palabra” (GALEANO, 2004: 323).

S



L

terra da Dona Maria

deslocamento da Dona Maria no território a pé

casa da Dona Maria 

horta 

estradas 

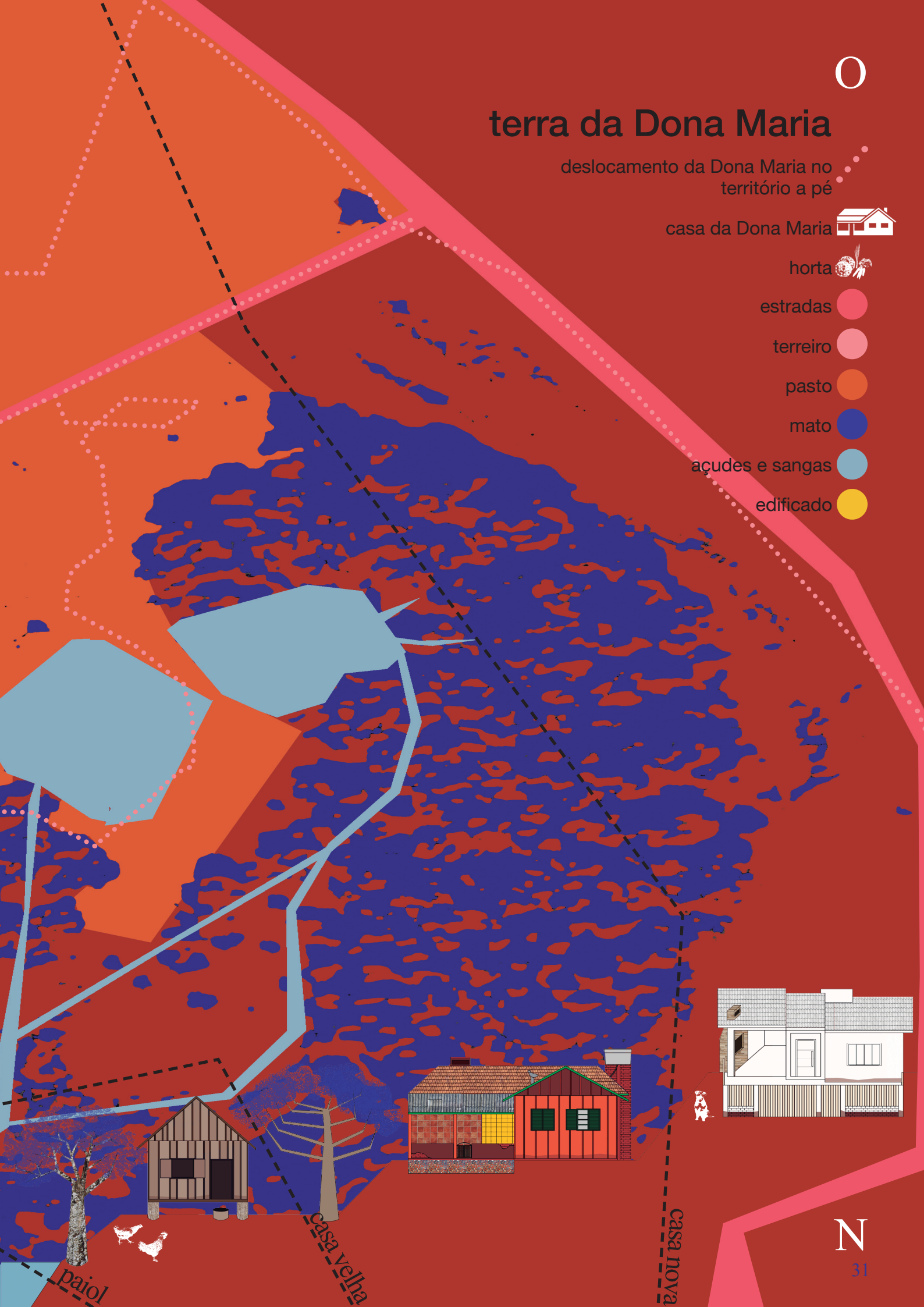
terreiro 

pasto 

mato 

açudes e sangas 

edificado 



paio

casa velha

casa nova

por volta de 1950

o paiol



CASA ONDE DONA MARIA VIVEU QUANDO CRIANÇA

linha do tempo
topográfica, que
mostra a localização
das casas no tempo e
no relevo do território

É a expressão popular para se referir à habitação dos migrantes do sul do país, construída ao chegarem no oeste paranaense, por volta dos anos 50. Hoje é celeiro ou armazém: um espaço que já foi residencial, agora é aproveitado para guardar grãos, comida para os animais, ou equipamentos e produtos usados nos cultivos. A casa antiga é preservada e necessária para outro uso, e se torna patrimônio tombado pela própria família.



FOTOGRAFIAS POR MAICON RUGERI, 2017.





O modelo de ocupação da zona rural do oeste do Paraná, o uso da terra e suas arquiteturas, resultam, em grande medida, do programa de migração do governo Getúlio Vargas, chamado “Marcha para o Oeste”. Incentivados pelas políticas governamentais, nas décadas 40 e 50, migrantes do sul do país compraram e se apropriaram da região, originalmente ocupadas por guaranis, xetás e kaingangues (PRIORI et al., 2012). Essa política de ocupação do território foi direcionada para o branqueamento racial no interior do país e para controle territorial a partir do Estado.

Os migrantes do sul do país, descendentes da imigração europeia (um outro processo colonial de dominação do território) trazem consigo — junto aos machados e panelas — uma base cultural tradicional, fortemente amparada pelo patriarcado, cristianismo, superioridade racial, meritocracia e acumulação capital, ou seja, estruturas coloniais. São delas que emergem as famílias rurais predominantes no oeste paranaense. Essas famílias vivem e reproduzem essas relações de poder nos corpos e nos espaços, sobretudo nos espaços domésticos. A casa é a materialização de todos esses processos históricos de manutenção da sociedade capitalista, cristã, androcêntrica e burguesa. A casa é abrigo e signo de poder.

Recém-chegadas/os nas terras de mata atlântica, em meados dos anos 50, as/os migrantes começaram a derrubada da mata remanescente dos processos anteriores de ocupação do território. Aos movimentos de braços e machados se construíram as primeiras casas nas beiras dos rios e sangas, pela necessidade da água. Essas casas eram feitas com madeira da derrubada da mata e pelas/os próprias/os moradores, e eram relativamente pequenas, de um ou dois cômodos além da cozinha. As portas, janelas, mobília e até utensílios domésticos também eram feitos com a madeira da região. Eram processos vernáculos e populares de construção, com recursos e mão de obra local. Hoje, essas construções são conhecidas pela expressão “paiol”.

Essas habitações possuíam um caráter provisório, pois as/os migrantes estavam chegando e se organizando no território. Devido à pressa da construção, à falta de recursos econômicos ou mesmo conhecimentos limitados - grande parte das/os jovens migrantes ainda não conheciam bem a região e suas características, ou não dominavam o saber-fazer da construção. As casas eram pequenas, simples e às vezes improvisadas. No espaço interior doméstico, o mobiliário era restrito, poucos móveis davam apoio à cozinha: a mesa de madeira e o fogão a lenha. Nos quartos, apenas colchões de palha e máquinas de costura. As delimitações de espaço social e espaço privado se confundiam, pois, os lugares de encontro, convívio e recepção das visitas, aconteciam no mesmo espaço do trabalho doméstico, como na cozinha ou no espaço exterior, por exemplo, na sombra de alguma árvore. Sendo o espaço interior doméstico diminuto e com poucos móveis, as mulheres, responsáveis pela manutenção desses espaços, realizavam menos afazeres de manutenção dentro da casa, ocupando-se na maior parte do tempo, do trabalho no espaço exterior doméstico, principalmente no cultivo das hortas e roças.

Na agricultura, as mulheres desempenhavam fisicamente trabalhos parecidos com o dos homens, mas sem poder de decisão sobre plantio, colheita e organização do espaço, manuseio do arado e bois/cavalos. Como a agricultura não era mecanizada, era manual, empregava-se para o cultivo, a força de trabalho de todas as pessoas disponíveis, inclusive das mulheres e das/os filhas/os. Ainda que coubessem às mulheres a manutenção da casa e o preparo dos alimentos, a casa pequena com pouquíssimos cômodos e móveis, demandava pouco tempo diário de cuidados, de modo que a maior parte do dia a família trabalha junta no espaço exterior. Note-se que a ampliação da casa, ao mesmo tempo em que há o avanço da monocultura, agudiza a divisão sexual do trabalho, ficando os homens responsáveis pelas atividades de produção - no exterior/agricultura -, e as mulheres, pelo trabalho de reprodução, no interior, no espaço privado da casa, à semelhança de tempos remotos conforme relata Angela Davis (2013), como veremos mais adiante.

Atualmente, o paiol que ainda não desapareceu do território, é usado como celeiro para armazenar grãos e instrumentos para os cultivos. A própria família rural dá usos para a edificação e a preserva, pois se constitui como parte das práticas cotidianas. É um patrimônio arquitetônico que faz parte da história, memória e identidade das/os trabalhadoras/es rurais e da paisagem local, usado para atender às suas necessidades.

legenda para o desenho seguinte

para entendimento do uso e ocupação do espaço rural, foram elaborados carimbos com os agentes criadores, transformadores e de manutenção do espaço exterior doméstico; são as ferramentas e objetos cotidianos que produzem, alteram e mantêm esses espaços; os animais, que no espaço rural têm enorme relevância no pensamento e na produção de espaços, e as plantas que também constituem e definem esses lugares.

ferramentas e objetos



lâmpião
a querosene



balde



machado



enxada



vassoura
de palha



plantadeira
manual



carroça



foice



cesto
de bambu



cepo



lenha



pedra

animais



cavalo



vacas



porco



galo



galinhas



frango



cachorro



gato



passáreo

plantas



bananeira



milho



mandioca



hortaliças



vaso
com flor



copa de árvores



grimpa
copa da
araucária

mato

s.m. floresta remanescente nativa que geralmente circunda rios e sangas. O espaço é conhecido pelas/os habitantes mas com pouca intervenção humana.

potreiro

s.m. espaço cercado com grama ou pastagem, onde ficam animais como vacas, cavalos e/ou ovelhas.

roça

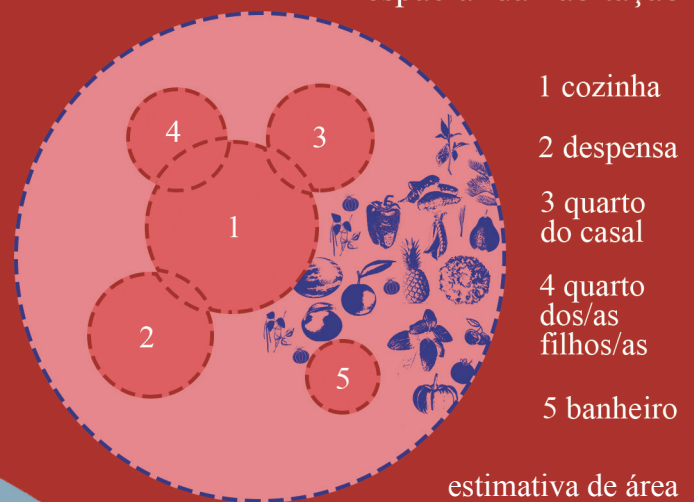
s.f. espaço de terra destinado ao cultivo de plantas para subsistência da família e também dos animais.

terreiro

s.m. espaço doméstico exterior, onde acontece diferentes atividades, como trabalho ou lazer, e onde ficam os animais domésticos.

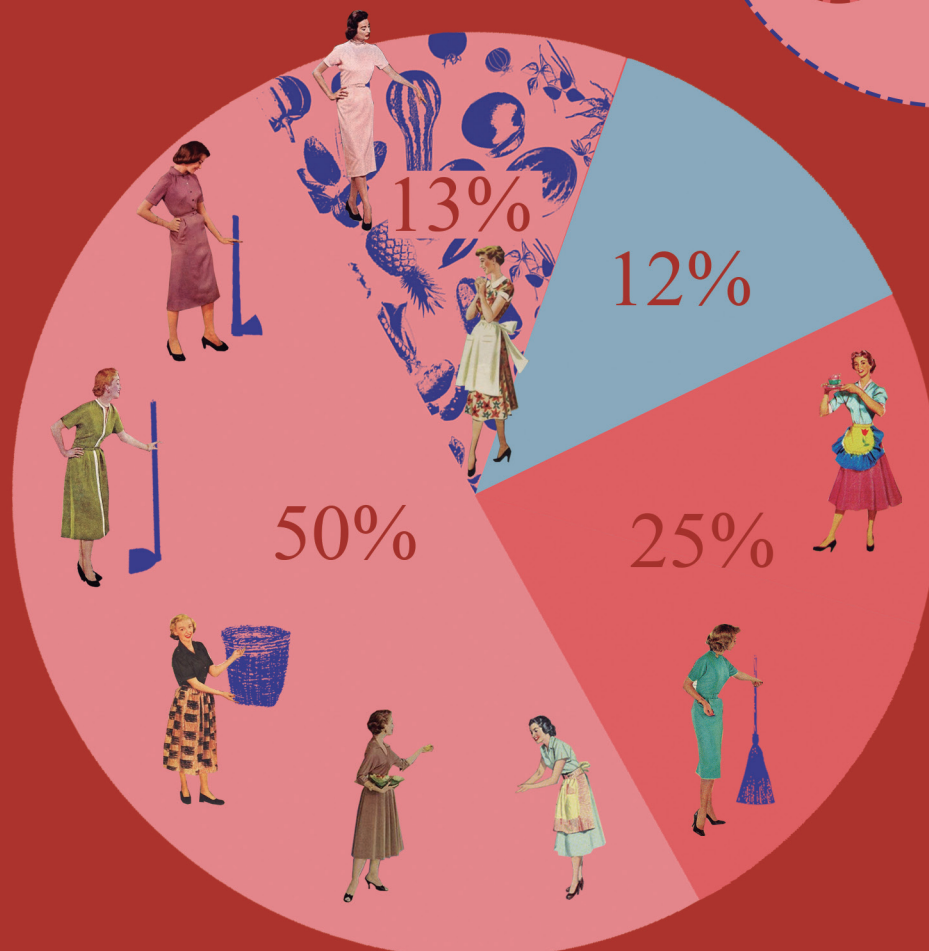
diagrama da organização espacial da habitação

-  espaço interior doméstico
-  espaço exterior doméstico
-  descanso durante o dia
-  paisagismo



- 1 cozinha
- 2 despensa
- 3 quarto do casal
- 4 quarto dos/as filhos/as
- 5 banheiro

estimativa de área construída 50 m²



divisão do trabalho feminino entre os espaços domésticos, no período em que se habitava o paiol
 estimativa feita a partir de conversas com moradoras locais

S

O



mato

potreiro

roça

terreiro



▲
entrada

L

N

a

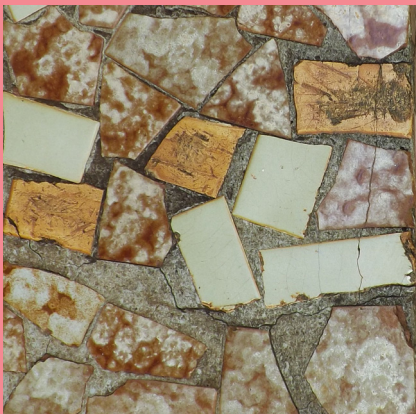
casa
velha



por volta de 1970

linha do tempo
topográfica, que
mostra a localização
das casas no tempo e
no relevo do território

É a expressão popular que designa uma tipologia habitacional das/os trabalhadoras/es rurais do oeste paranaense. Se chama casa velha porque é anterior à morada atual, ou seja, é velha em relação a essa nova casa. Apesar disso, ainda é muito usada como habitação pelas famílias da região, sobretudo aquelas que não possuem condições econômicas para transicionar para novas construções.



FOTOGRAFIAS POR MAICON RUGERI, 2017.





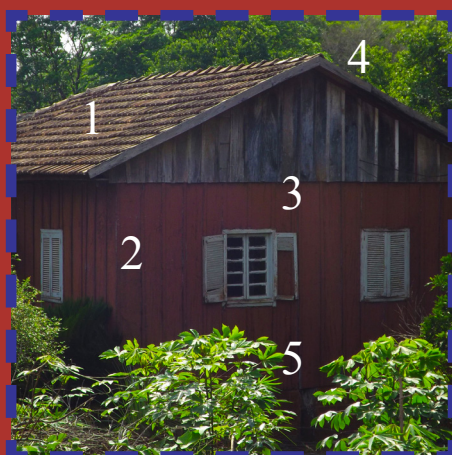


tipologias da casa velha na região

casas onde
Dona Maria
já viveu



1. telhado duas ou mais águas
2. uso de cores saturadas
3. predominantemente construídas em madeira e técnicas construtivas
4. inserida no contexto ambiental
5. utiliza grama ou vegetação como barreira para a terra
6. presença de varandas
7. calçada que circunda e protege a casa da terra



FOTOGRAFIAS POR MAICON RUGERI, 2017.

Nas décadas de 60 e 70, depois de uma estabilização econômica e familiar das/os migrantes no território, suas casas passam por alterações nas paredes e nos programas de necessidades. A família começa a crescer, há uma renda fixa e o círculo social de vizinhança e de comunidade são mais definidos. Essa nova morada, popularmente é chamada atualmente de “casa velha” pelas/os moradoras/es.

Um pouco mais distante dos rios e sangas, essas casas já possuem poço e caixa d’água para abastecimento, varandas de sociabilidade, para sombreamento da casa e apoio para as funções domésticas, partes úmidas construídas com alvenaria e luz elétrica. Começam a ser utilizados materiais industriais – o tijolo, o vidro, o azulejo – como materiais construtivos, complementando o uso da madeira ainda abundante; os cômodos da habitação aumentam e variam conforme a necessidade de cada família; também aparece a sala de estar/tv e dormitórios privativos; além de maiores investimentos, tanto financeiros quanto afetivos, para a cozinha, que conforma a centralidade social da família.

O espaço exterior doméstico começa a se consolidar pelos jardins, gramados e canteiros. O entorno da casa ganha protagonismo na produção de espaços, quando o ato de cuidar e cultivar flores e folhagens para embelezamento da morada, agrega valor e aceitação social à família. O paisagismo dessa casa é lido pela comunidade local como reflexo das qualidades daquelas pessoas que o produzem. As mulheres que são as responsáveis pelo planejamento e manutenção desses espaços, são avaliadas enquanto “boas” esposas, “boas” mães, competentes e trabalhadoras, a partir do resultado visto no espaço exterior doméstico. Assim, esse paisagismo além de ornamental, é sobretudo um mecanismo de validação do êxito da mulher e da família. Ainda que este trabalho reforça os papéis de gênero, impostos pelo patriarcado, ao mesmo tempo ele gera uma valorização do trabalho dessas mulheres, pelo fato que entre todos os trabalhos domésticos, esse é um trabalho visibilizado e reconhecido. As plantas, os jardins e agricultura das hortas, proporcionam um espaço de expressão e criação poética,

dentro do cotidiano exaustivo e repetitivo dos serviços domésticos de manutenção e cuidados da casa.

Além disso, esse paisagismo também conta uma história sobre as origens daquela família, sua descendência e tradição. As espécies que compõem essa paisagem se relacionam geralmente com as identidades culturais das mulheres ou das demais pessoas, como por exemplo, flores favoritas, relação com lembrança e infância, conhecimento aprofundado das propriedades da planta. As técnicas, ciclos, formas de cultivo e as escolhas das espécies, geralmente foram aprendidos com geração anterior e reforçam características culturais, de tradição e memória. Por exemplo, quando muitos descendentes de italianas/os mantêm o cultivo de videiras para produção de uva e vinho, uma forma de cultivar a memória de uma ligação com o passado familiar.

Nessa nova morada aparece também um maior cuidado nos detalhes e na impregnação de sentidos, memórias e identidades nas construções, sendo visto nas composições de cores, ornamentos diversos e escolha dos materiais. As partes molhadas da casa, como o banheiro e a cozinha, já são construídas com alvenaria e revestidas de azulejos, que são escolhidos pelas figuras e cores, compondo um desenho sob as noções estéticas e de sentido das/os próprias/os moradoras/es. Também aparece o piso de caquinhos, utilizado em calçadas ou pequenos espaços externos, geralmente das sobras do azulejo das paredes ou ainda sobras de outras casas da região, que cediam as cerâmicas que restam da construção para outras famílias, sendo comum esse aproveitamento coletivo do material.

As varandas, chamadas também de áreas, adequadas ao contexto agrícola e terroso da região, possuem um espaço para lavagem das/os trabalhadoras/es da roça, geralmente com um tanque e água abundante, para que a terra não suje o banheiro ou o interior da casa, e também para lavar os alimentos produzidos na terra como mandioca, batata-doce e cenoura, pois carregados de terra sujariam também a cozinha. Ainda nessas varandas, a adequação ao contexto se dá pelo piso revestido com cerâmica de barro ou de

cor marrom, ou piso de cimento queimado pigmentado com a cor vermelha, com tonalidades próximas da cor da terra. Outra característica arquitetônica de adaptação é a borda inferior que rodeia as paredes da casa, feita em alvenaria com tijolo a vista ou pintado com cor escura, para proteção das paredes contra a sujeira do contato imediato com a terra ou respingos de chuva.

legenda para o desenho seguinte

para entendimento do uso e ocupação do espaço rural, foram elaborados carimbos com os agentes criadores, transformadores e de manutenção do espaço exterior doméstico; são as ferramentas e objetos cotidianos que produzem, alteram e mantêm esses espaços; os animais, que no espaço rural têm enorme relevância no pensamento e na produção de espaços, e as plantas que também constituem e definem esses lugares.

ferramentas e objetos



animais



plantas



potreiro

s.m. espaço cercado com grama ou pastagem, onde ficam animais como vacas, cavalos e/ou ovelhas.

bananal

s.m. espaço destinado a produção de banana para consumo familiar, também é o espaço onde se pode depositar o lixo orgânico.

terreiro

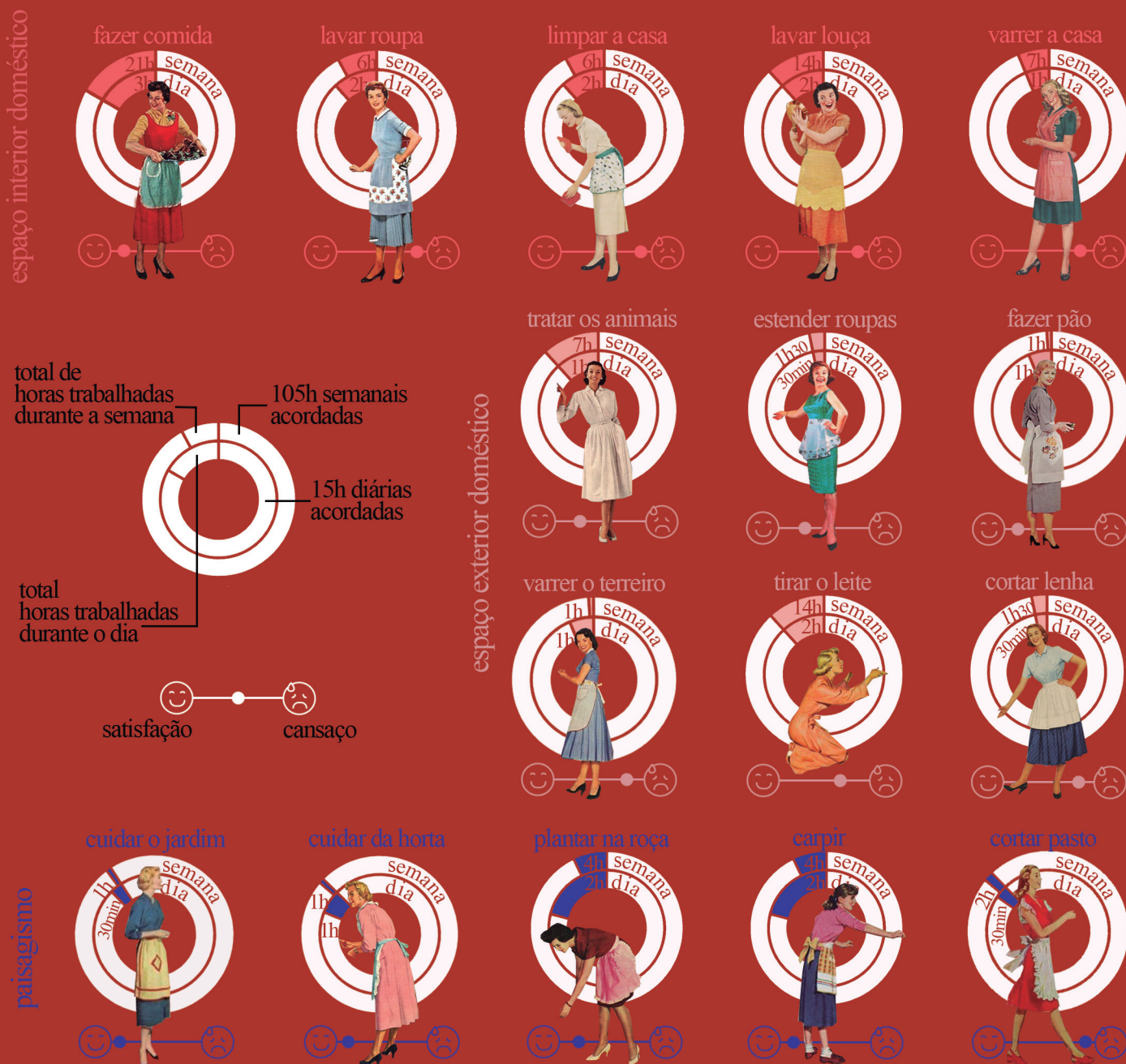
s.m. espaço doméstico exterior, onde acontece diferentes atividades, como trabalho ou lazer, e onde ficam os animais domésticos.

sombra

s.f. espaço de descanso, convívio ou lazer delimitado pela sombra de alguma árvore que esteja próxima a casa e que proporcione conforto térmico para as/os usuárias. Em dias de calor, se recebe as visitas nesse espaço externo.

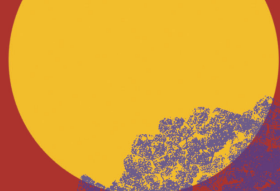
jardim

s.m. espaço localizado geralmente na parte frontal ou lateral da casa, destinado ao cultivo de flores para embelezamento da moradia e da paisagem.



S

O



potreiro

bananal

terreiro

sombra

jardim



▲
entrada

L

N

um dia de trabalho da dona Maria

espaço exterior doméstico — — —

paisagismo — — —

manhã

7h



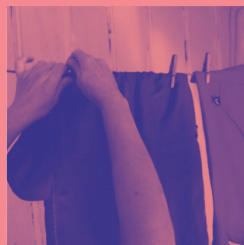
8h



9h



10h



11h



12h

tarde

13h



14h30



16h30



17h



18h30



19h30



Dona Maria deita-se para dormir em torno das 22h

noite 51

corpos/espços

Existe diferenças nos usos dos espaços da casa, pelas mulheres e homens. para as mulheres, os usos no espaço interior doméstico estão condicionados, principalmente, pelo trabalho de limpeza, organização e manutenção.

Para os homens, o espaço interior doméstico é usado para descanso, lazer e necessidades básicas. Essa desigualdade torna o espaço interior doméstico opressivo para as mulheres.

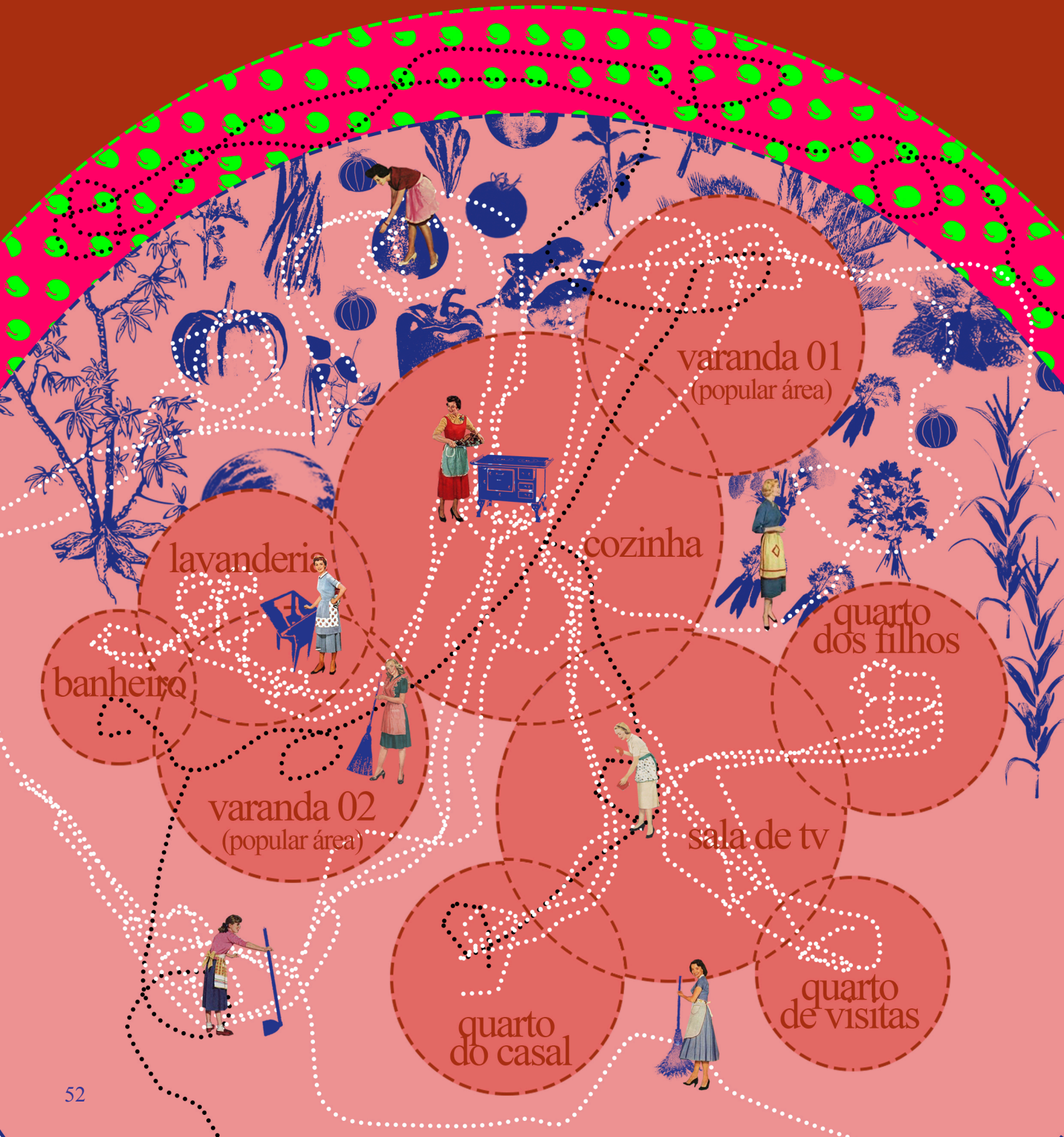
percurso feminino



percurso masculino



estimativa da área
construída 100m²

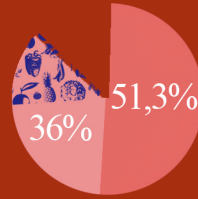


horas trabalhadas por dia

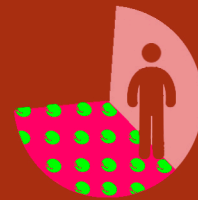
O dia de trabalho é contado a partir das 15h diárias que dona Maria está acordada. Desconsidera-se as horas de sono.



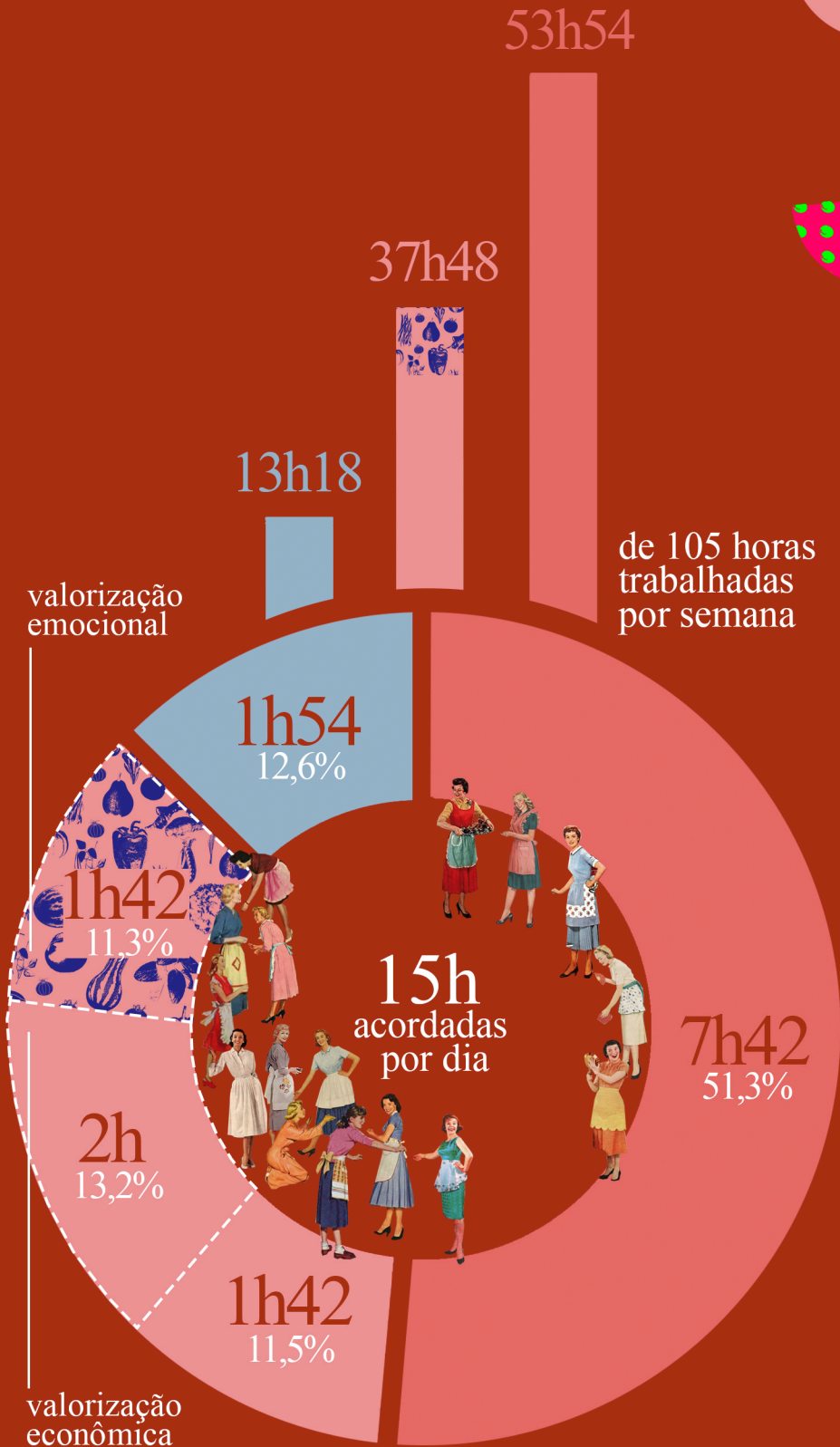
74% do trabalho diário no espaço interior e exterior doméstico é invisibilizado e não valorizado



Mais da metade deste trabalho diário ocorre no espaço doméstico interior



O trabalho diário masculino ocorre metade no espaço exterior doméstico e metade no cultivo das monoculturas. Ou seja, diferente do que ocorre com as mulheres, mais da metade do trabalho é valorizado, além de não haver nenhum trabalho no espaço interior doméstico



- espaço interior doméstico
- espaço exterior doméstico
- descanso durante o dia
- paisagismo
- monocultura

a casa nova



por volta de 2000

linha do tempo
topográfica, que
mostra a localização
das casas no tempo e
no relevo do território

Casa nova é como é chamada a casa atualmente construída no espaço rural do oeste paranaense, pelos suas/eus moradoras/es. É nessa casa, que o arquiteto é contratado para fazer o projeto da habitação. Geralmente essa casa é pensada a partir de um modelo de classe média urbana, onde aparece o emprego de materiais claros e lógicas de organização que não condizem com a rotina e a terra vermelha da região.



FOTOGRAFIAS POR MAICON RUGERI, 2017.





A partir dos anos 2000, começam a ser construídas casas que não condizem com o contexto rural e as necessidades cotidianas de suas/eus moradoras/es, parecendo-se mais com as casas da classe média urbana de centros próximos. Essas casas feitas majoritariamente com materiais industrializados, foram construídas por grandes proprietários de terras. Nos anos seguintes, este modelo urbano passou a ser adotado pelas/pelos agricultoras/es, como símbolo de sucesso. Essas casas se diferenciam muito das construções rurais mais antigas.

Antes, na chamada “casa velha”, as edificações possuíam características mais expressivas das/os habitantes: inúmeras combinações de cores, azulejos com desenhos, ornamentos decorativos, elementos do conhecimento popular e espaços funcionais. Essas expressões visuais foram se perdendo com o passar do tempo e sendo substituídas pela racionalidade, pela praticidade prometida pela indústria e pelos gostos das classes dominantes, síntese do progresso da modernidade ocidental e herança do movimento moderno na arquitetura. O modernismo na arquitetura, tendo suas bases na industrialização e na concepção de um futuro ideal orientado ao “progresso”, se declarou contrário às memórias e tradições arquitetônicas passadas, propondo uma arquitetura racionalizada, geométrica, limpa de ornamentações e rebuscamentos, utilizando principalmente a cor branca para denotar essa “pureza” estética (BENEVOLO, 2011). Esse tipo de produção arquitetônica anula os saberes populares das/os próprios moradoras/es, assim como a própria memória dos lugares e suas formas de vivências espaciais. Essas casas são popularmente designadas na região como “casas novas”.

A casa sugere significados dentro de uma conjuntura social, cultural, política e econômica. A “casa nova” é um signo indicativo de várias formas de poder. A forma da construção, os materiais construtivos e os móveis, indicam o poder aquisitivo, e reproduzem, muitas vezes, gostos hegemônicos servindo para a hierarquização de classe. A casa, neste sentido, pode atuar como mediadora dos desejos de ascensão

social da/o própria/o indivíduo/o. Em outras palavras, a casa acaba sendo um dispositivo que materializa as expressões íntimas de poder, desejo de conquista e valores morais, e descontextualiza-se do locus, agindo no plano da aparência e do status social. É como se houvesse uma estrutura de poder invisível usada como instrumento de dominação, que age nas/os sujeitas/os e em seus atos, tendendo a estabelecer uma ordem de sentido imediato do mundo. O poder simbólico presente no capital econômico é utilizado como legitimação de grupos ou sujeitos dentro da sociedade (BOURDIEU, 2007). Esse poder é transversal em vários campos sociais, inclusive na arquitetura, produzindo sentidos e significados sociais.

Em adição, a pesquisadora Andréia Moassab, em diálogo com Foucault e Deleuze, demonstra que as estruturas de poder na sociedade de controle, com suas estratégias de marketing, publicidade e criação de desejos, impõem condições absolutamente desiguais na produção de sentidos, se instituindo como um dos mais potentes e complexos mecanismos de perpetuação das relações de poder (2012: 153). Ou seja: “o desejo de ser igual parte de dentro para fora sob a forma de pseudoliberalidade, na sociedade controle” (ibidem: 110) direcionando a vontade das/os indivíduos/os, no caso, impondo para as camadas mais pobres da população rural do oeste do Paraná, os gostos e escolhas construtivas da elite local, pouco adequadas ou adaptadas para as dinâmicas de trabalho e cotidiano na “terra roxa”.



Essa “casa nova” traz consigo uma vontade de ascensão social ou de um vir-a-ser dominante. Tanto a tipologia da “casa nova”, quanto os materiais utilizados representam e apresentam relações desiguais de classes:

1. colonizada pelo modelo civilizatório da modernidade ocidental, a casa local prestigiada – a casa nova – é aquela que possui amostras de poder econômico em suas paredes, os melhores materiais da indústria: o vidro, o cimento, e os revestimentos; o maior número de águas dos telhados e de volumes: telhados de várias águas em diferentes níveis são “chiques”; o branqueamento das cores: o branco, o bege, o gelo são “moda”; e a configuração espacial de ostentação: sala de jantar pouco usada, garagem e edículas para o churrasco, que impressionam as/os convidadas/os. Desaparecem, contudo, espaços que respondam às necessidades rurais, como as varandas para sociabilidade e sombreamento da casa ou as áreas de serviço exteriores para limpeza das/os trabalhadoras/es da roça e lavagem dos alimentos colhidos, antes de entrarem em casa.

2. no paisagismo, a presença de gramados e árvores ornamentais que são “bonitas”, a palmeira e o pinheiro não-nativos, compondo com pedras brancas compradas; ao mesmo tempo em que se observa o gradual desaparecimento do quintal, por conta do piso de cimento, azulejo ou pedrinhas: sob o argumento da praticidade da limpeza e para destacar visualmente a edificação - a casa deve ser vista de longe: um monumento.

As escolhas arquitetônicas da “casa nova” (materiais construtivos, revestimentos, cores, formas), quase sempre decididas pelo marido — o pai/chefe de família — em função de mostrar ascensão social, resultam em espaços domésticos que confinam a esposa — a “dona do lar” — a desempenhar diariamente trabalhos domésticos pesados de limpeza e manutenção do espaço. Devido aos materiais inapropriados para o ambiente terroso e agrícola da zona rural, nas épocas de colheita o pó assola toda a casa, no cotidiano, o barro e a terra constantes fazem do limpar e manter árduas tarefas, de responsabilidade exclusiva da mulher.

Esse trabalho exaustivo e solitário, não é valorizado pelas/os demais familiares — marido e pelas/os filhas/os (apesar de que algumas meninas já são introduzidas desde cedo, a desempenharem tais funções e a “ajudarem” a mãe — o que não acontece com a maioria dos meninos) - que pouco ajudam a manter o espaço limpo e organizado. É, portanto, um trabalho invisibilizado, não pago e não reconhecido.

As relações de gênero presentes na divisão social do espaço (público/masculino e doméstico/feminino) (MASSEY, 1994) impactam a arquitetura, ao mesmo tempo que a arquitetura contribui para opressão das mulheres e seu confinamento no lar. Na sociedade patriarcal, a identidade de gênero feminino é subordinada ao masculino: o homem, é o que produz e provém – trabalho pago -, e a mulher é a que reproduz e mantém – trabalho não pago. Assim sendo, o homem é o sujeito que trabalha dentro do sistema econômico e a mulher é a que trabalha em função do homem e da família, em casa. Este trabalho que não é remunerado é também invisibilizado. Ocorre que as mulheres desempenham trabalhos exaustivos dentro do espaço doméstico, sendo, contudo, menosprezadas por este trabalho não ter geração de renda, então visto como menos importante na sociedade capitalista (DAVIS, 2013). Todavia, sem o trabalho de reprodução e manutenção, não existiria o trabalho de produção e provisão (ibidem). O gênero não é apenas uma categoria biológica ou natural, mas sim uma categoria social: as performances de gênero, são construções sociais normativas definidas por um modelo heteronormativo, onde a/o indivíduo constantemente está sob essas regras sociais binárias e excludentes (BUTLER, 2013).





Já o espaço doméstico não se refere apenas ao espaço físico, mas sim a uma complexidade de relações sociais, onde se desenvolve e se reproduz, diariamente, as estruturas coloniais de poder e o patriarcado. É sobretudo no espaço doméstico que se dá a divisão desigual dos papéis de gênero. O espaço doméstico interior se torna responsabilidade feminina: são as mulheres que desempenham cotidianamente o trabalho de manutenção deste espaço.

A noção burguesa da mulher como dona de casa e serva do homem, como aponta Angela Davis, é recente, com cerca de um século, pois em períodos pré-industriais, por exemplo, as mulheres tinham uma importância produtiva e econômica dentro das suas famílias, sendo responsáveis por toda a produção alimentícia, de objetos cotidianos (como velas e sabão) e vestimentas, gerindo uma economia doméstica, que pouco tempo deixava para os afazeres domésticos de limpeza e organização (DAVIS, 2013: 160). A industrialização, intensificou a desigualdade de gênero no espaço doméstico, e transformou as mulheres de agentes produtivas e valorizadas na economia familiar, para apenas agentes reprodutivas das tarefas domésticas invisibilizadas. Sobrecarregadas de afazeres pouco duradouros e que necessitam um refazer constante, pouco tempo e energia sobra para as mulheres se dedicarem a outras coisas produtivas – valorizadas pelo capitalismo (ibidem). Então esse espaço doméstico é sobretudo um espaço de confinamento e de invisibilidade, cuja falta de valorização do trabalho das mulheres leva muitas vezes até a processos depressivos profundos.

legenda para o desenho seguinte

para entendimento do uso e ocupação do espaço rural, foram elaborados carimbos com os agentes criadores, transformadores e de manutenção do espaço exterior doméstico; são as ferramentas e objetos cotidianos que produzem, alteram e mantêm esses espaços; os animais, que no espaço rural têm enorme relevância no pensamento e na produção de espaços, e as plantas que também constituem e definem esses lugares.

ferramentas e objetos



animais



plantas



roça

s.f. se transforma em uma grande porção de terra destinada à monocultura de soja ou milho.

terreiro

s.m. espaço exterior doméstico, onde acontece diferentes atividades, como trabalho ou lazer, e onde ficam os animais domésticos.

cercado

s.m. espaço externo doméstico cercado com grades, geralmente preenchido com grama, utilizado como embelezamento paisagístico da habitação.

frente

s.f. espaço que antecede o cercado e a habitação, geralmente revestido com pedras e sem nenhum obstáculo que atrapalhe a visão para a casa, usado como estacionamento quando necessário.

O solo encontrado na região oeste do Paraná é o latossolo roxo.

Possui características como coloração avermelhada e textura argilosa. Sobretudo nas zonas rurais, a lama e o pó dessa terra, sujam e encardem facilmente superfícies claras, desde as roupas e calçados até os pisos e paredes das casas.

Como se vê no diagrama abaixo, ao passar do tempo as cores das paredes e pisos das casas do espaço rural dessa região, foram se distanciando dos tons mais compatíveis com o solo, e se tornando cada vez mais brancos. Isso causa um maior esforço de manutenção e limpeza desses materiais, responsabilidade que recai sobre as mulheres.



transformações nas cores das paredes ao longo do tempo



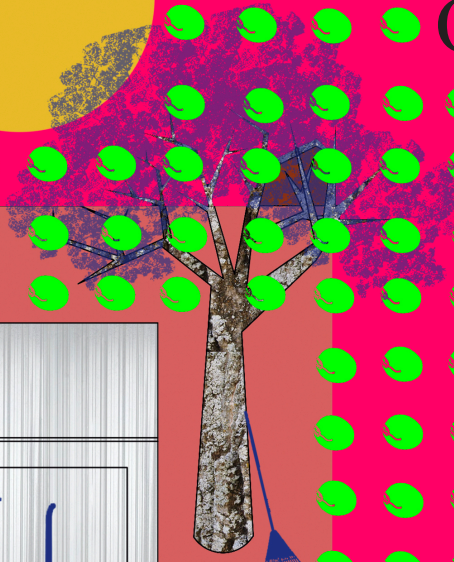
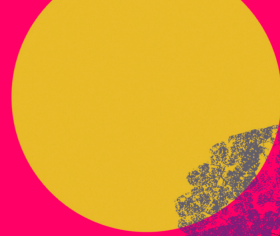
transformações nos pisos ao longo do tempo

~1980
casa velha

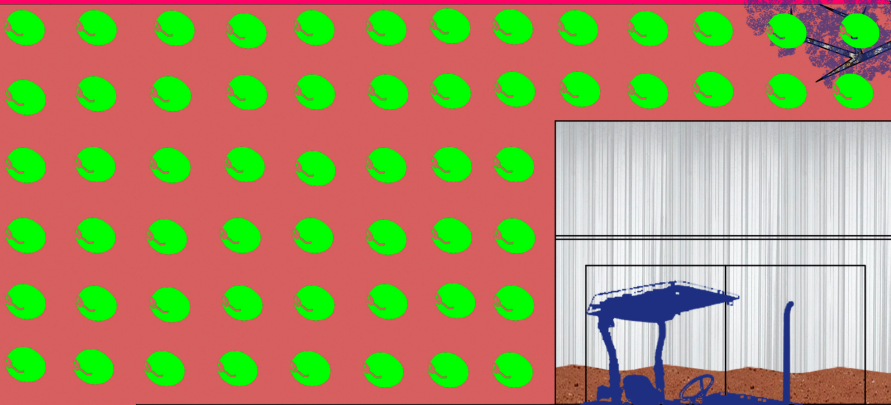
~2010
casa nova

S

O



roça



terreiro



cercado



frente



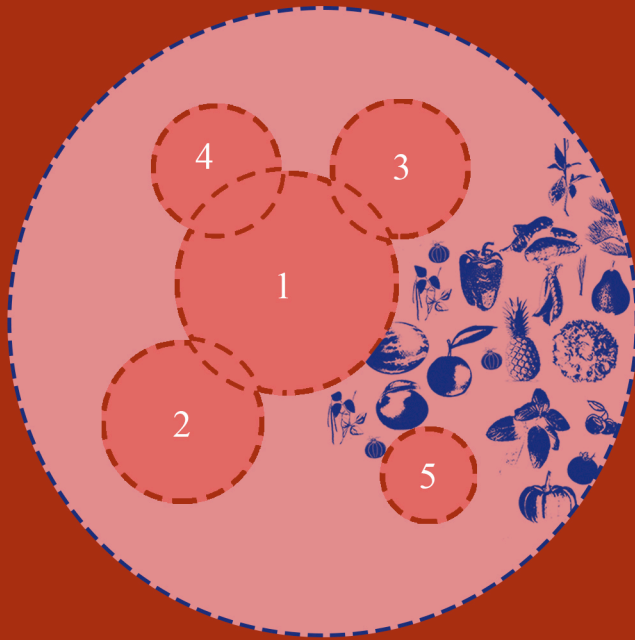
entrada

L

N

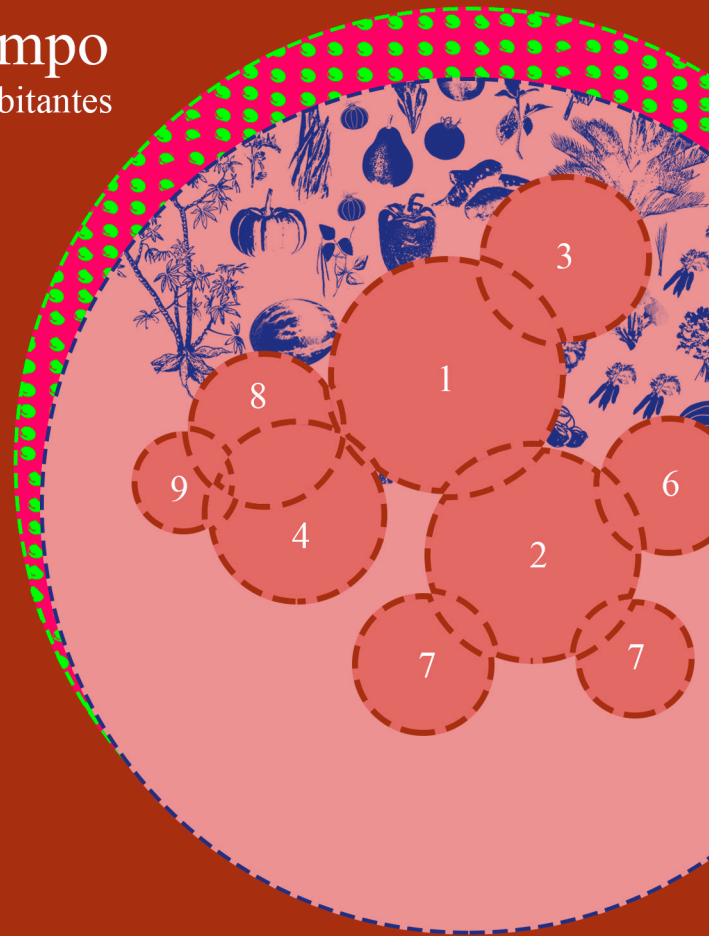
diagrama da organização espacial das habitações do oeste paranaense e a transformação ao longo do tempo

dados estimados por meio de entrevistas as/aos habitantes e visitas ao local



paiol
50m²
de área construída

- 1 cozinha
- 2 despensa
- 3 quarto do casal
- 4 quarto dos/as filhos/as
- 5 banheiro

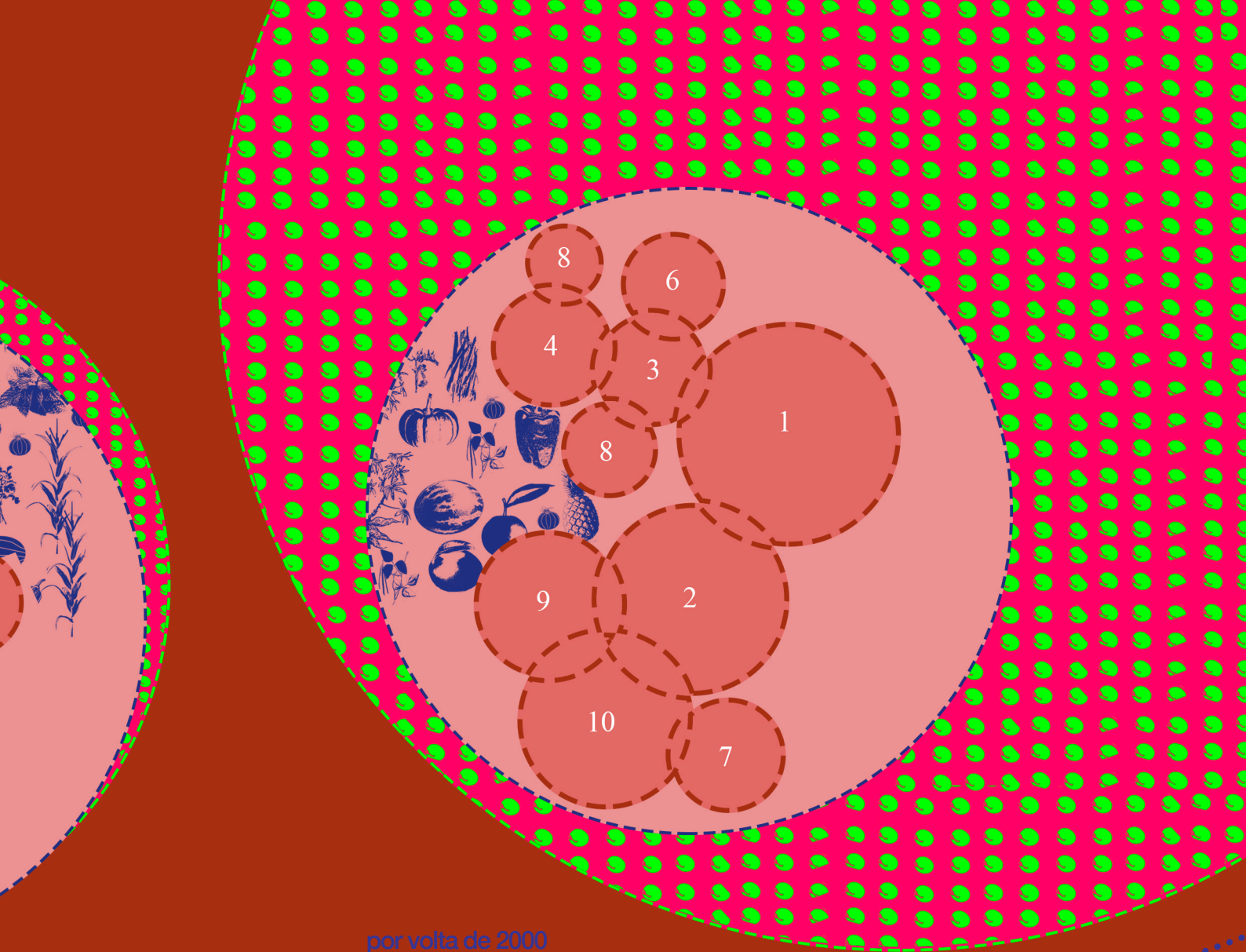


casa velha
100m²
de área construída

- 1 cozinha
- 2 sala de tv
- 3 varanda 01
- 4 varanda 02
- 5 quarto do casal
- 6 quarto das/os filhas/os
- 7 quarto de visita
- 8 lavanderia
- 9 banheiro

por volta de 1950


por volta de 1970



por volta de 2000

casa nova 165m² de área construída

linha do tempo topográfica, que mostra a localização das casas no tempo e no relevo do território

-  espaço interior doméstico
-  espaço exterior doméstico
-  paisagismo
-  monocultura

- 1 cozinha
- 2 sala de tv + jantar
- 3 corredor
- 4 suíte
- 6 quarto das/os filhas/os
- 7 lavanderia
- 8 banheiro
- 9 área com churrasqueira
- 10 garagem

por volta de 1950

por volta de 1970

paisagismo subjetivo



MANDIOCA

VAGEM

HORTELÃ

MANJERONA

HORTA DA DONA MARIA

por volta de 2000

linha do tempo
topográfica, que
mostra a localização
das casas no tempo e
no relevo do território

Paisagismo subjetivo se refere aos espaços de cultivo de plantas, como canteiros, jardins, hortas, quintais e roças, os quais passam por um projeto e desenho, não necessariamente técnico, mas intuitivo, ancestral e popular. O termo subjetivo é usado para evidenciar as relações com as plantas que são mediadas por sentidos mais amplos do que aqueles associados com o paisagismo convencional, como a contemplação estética. O valor central no paisagismo subjetivo é sua dimensão cultural, emocional, psicológica e afetiva. Assim, apoiado na psicologia social, é um paisagismo que tem interferência direta nas subjetividades e nas construções identitárias das/os usuárias/os.



CEBOLINHA

CIDREIRA

FOTOGRAFIA POR MAICON RUGERI, 2017.





tortei da dona Maria

ingredientes massa

3 ovos
farinha
água
óleo
sal

ingredientes recheio

moranga
noz moscada
queijo ralado

modo de preparo

cozinhar a moranga,
misturar com noz moscada
e queijo ralado e reservar.
misturar os ingredientes
da massa e sovar, esticar e
cortar em círculos ou
quadrados, rechear com a
moranga e fechar como se
fosse pastéis, cozinhar na
água e depois servir com
molho de sua preferência

remédio para dores

ingredientes

folhas de espada de
são jorge com borda
amarela; álcool de
uso doméstico; pote
de vidro


modo de preparo

colocar as folhas e
álcool no pote, fechar
bem e enterrar por 3
dias

modo de usar


esfregar onde sentir
dor, não ingerir



The page is framed by a decorative border of various fruits and plants. At the top, there are images of lemons, a green leafy plant, and a bunch of grapes. On the left side, there are images of a green leafy plant, a bunch of grapes, and a bunch of blueberries. At the bottom, there are images of a bunch of blueberries, a bunch of green leafy plants, and a bunch of red tomatoes. The text is centered on the page, with a white background and a black border.

O paisagismo no espaço rural requer alguns marcos de distinção com relação ao paisagismo convencional no espaço urbano: (a) a ornamentação e a contemplação estética não é a sua função principal, (b) é a/o própria/o usuária/o que produz o paisagismo e (c) as plantas constituem a identidade cultural das pessoas no mundo rural. O paisagismo convencional é uma ferramenta de concepção dos espaços a partir da dominação da natureza, epistemologicamente eurocêntrico (NAME e MOASSAB, 2014) e urbano, que busca satisfazer uma necessidade de contato com a natureza no espaço das cidades, sendo apropriada para o ócio, lazer e a contemplação. A produção paisagística urbana é pensada a partir da separação ocidental do ser humano sobre a natureza (ESCOBAR, 2016) que também passa pela separação do espaço edificado sobre o espaço natural. Essa concepção de espaço supervaloriza a visão, o olhar em detrimento a outros sentidos, reduzindo a interação da/o usuária/o apenas à contemplação estética de elementos naturais e desconsiderando outras formas de relação com a vegetação, como por exemplo, usos alimentícios, medicinais, religiosos e como materiais construtivos. O paisagismo posiciona o ser humana/o como um mero usuária/o dos espaços naturais gerando um distanciamento na concepção, produção e manutenção desses espaços, como por exemplo nos parques, praças e espaços públicos, que são projetados por arquitetas/os e mantidos por funcionárias/os, sob a lógica moderna-colonial de hierarquização do trabalho intelectual sobre o braçal. Além disso, o uso dos espaços paisagísticos são um privilégio nas cidades, pois a especulação financeira-imobiliária, que num primeiro momento destrói os espaços naturais para loteamento e venda do solo, em seguida, utiliza-o para agregar valor econômico e simbólico à propriedade urbana. Sob argumentos de qualidade de vida pelo acesso a natureza e pelo embelezamento dos espaços, nos enquadramentos estéticos ocidentais, o paisagismo como concebido hoje transforma a paisagem em uma cenografia do espetáculo (DEBORD, 1997).

Já nos espaços rurais não cabe esta concepção de paisagismo. Para a população do campo, o entendimento acerca dos elementos naturais, sobretudo a vegetação, escapa da noção moderna ocidental urbana, havendo, pelo contrário, uma conexão com a natureza, o trabalho na terra e a agricultura. A vegetação, a água e a terra são usadas de duas formas distintas no espaço rural, plenamente observadas na área efetivamente estudada. Uma dessas formas, utiliza esses elementos como produção econômica, extensiva e exploratória dos recursos naturais, como por exemplo as monoculturas de soja, milho, tabaco e eucalipto. Para possibilitar essa produção agrícola, é necessário o uso em larga escala de tecnologias e equipamentos industriais, químicos, biológicos e de modificação genética, produzidas pelas grandes corporações, que resultam na degradação e esgotamento da natureza e do humano. Esse espaço da monocultura está atravessado por uma lógica moderna ocidental de controle e destruição da natureza para servir a uma produção extrativista que abastece os grandes centros urbanos, pela exploração do ser humano e distanciamento da coexistência das pessoas com o ambiente. A monocultura, geradora de capital e situada no espaço visível é, por excelência, o lugar masculino no ambiente rural, diferente do espaço interior doméstico, que invisibiliza o trabalho das mulheres. No patriarcado-capitalismo o homem é aquele que produz o sustento econômico da família, além do dever, estabelecido pela modernidade/colonialidade (MIGNOLO, 2007), de dominar a natureza a cargos civilizatórios que se materializam nesse tipo de cultivo.



Em contrapartida, há também uma outra forma de usar a vegetação, a água e a terra, que se dá através de uma agricultura que coexiste com as pessoas e com o ambiente. Na agricultura familiar, a vegetação, mais do que um acessório ornamental distanciado das pessoas ou produzida em escalas financeiras-industriais, é integrada ao cotidiano das/os moradoras/es, não sendo algo tangencial à sua rotina, mas que transpassa a forma de ser, estar e habitar ao longo da vida. Ou seja, a relação com a paisagem é identitária e produz sentidos na vida do/a trabalhador/a rural familiar que não é limitado à produção capitalista do espaço. Essa agricultura é pensada, produzida e mantida diariamente pelo trabalho e interação com a terra, pelo entendimento dos ciclos de germinação, crescimento, colheitas, secas e chuvas e pela importância emocional, cultural, simbólica e subjetiva dessas plantas para as pessoas. Essa relação com a natureza, é culturalmente estruturante do cotidiano, pois produz alimentos, medicações, matéria-prima para as construções e está relacionada com as crenças, espiritualidades e mitos; produz emoções e sentimentos de identidade e pertencimento ao lugar; cria e fortalece redes de afetos e trocas; produz expressões criativas e liberdades poéticas; que estão intrinsecamente relacionadas às subjetividades das/os indivíduos/os. Dessa forma para essas pessoas, as plantas possuem dimensões mais amplas de relação e interação entre a/o usuário/a e o espaço, que não são consideradas pelo *diseño* moderno ocidental (ESCOBAR, 2016), que coloniza as a arquitetura e o urbanismo, bem como as outras esferas do conhecimento e da vida.

Dentre todos os trabalhos desempenhados pelas mulheres no campo (limpeza da casa, da roupa, da louça, provisão e alimentação para a família e para os animais, cuidados para as/os filhas/os e marido), os que passam a ser vistos, percebidos e valorizados de uma forma significativa são os trabalhos realizados no espaço exterior doméstico, como nos jardins, nos quintais e nas hortas. Por uma questão visual estética que é marcante na paisagem, no caso dos jardins, ou pela qualidade das hortaliças e verduras produzidas, no caso das hortas, esse trabalho é visto e apreciado pelas/os familiares, parentes e pelas/os vizinhas/os, sobretudo por outras mulheres. Dessa forma, o trabalho no espaço exterior doméstico (jardins/hortas/quintais) possui características distintas, sendo um espaço mais proeminente, mais dinâmico, notado e mais valorizado do que no espaço interno, funcionando como mecanismo de aumento da autoestima e empoderamento das mulheres do campo.

Enquanto o homem cuida das plantas destinadas à comercialização em larga escala, como as monoculturas de soja e milho, que possuem uma lógica de produção industrial, com uso de equipamentos agrícolas e maquinários tecnológicos, sementes transgênicas e aplicação de agrotóxicos, a mulher é responsável pelas plantas que alimentam a família. De modo geral, existem espaços de plantio gerenciados por essas mulheres, como as hortas, os pomares e as pequenas roças, onde são cultivados diferentes tipos de verduras, legumes, hortaliças e frutas, cada qual em suas épocas e ciclos naturais. Essa produção é destinada ao consumo familiar, dos animais e os excedentes para trocas entre as/os vizinhas/os, parentes e a comunidade local.

Esse paisagismo, além de prover alimentação de qualidade e independência econômica dos supermercados, também é importante para produção de sentidos subjetivos e afetivos a partir da relação social e cultural com o plantio e cultivo dessas plantas. As plantas fazem parte do cotidiano dessas/es trabalhadoras/es rurais, que têm suas concepções de tempo, espaço e trabalho, geralmente definidos a partir dos ciclos naturais de plantio, crescimento e colheita. Ademais, como já dito anteriormente, para as mulheres que, pela divisão social de papéis de gênero, acabam sendo responsáveis por esses lugares de cultivo das hortas e dos jardins, as plantas adquirem um sentido além do funcional ou contemplativo, mas estruturante das identidades e autoestima destas mulheres.

Assim, esse paisagismo que pertence à prática cotidiana dessas moradoras, a suas vivências e a suas identidades culturais e subjetivas, configura lógicas de concepção dos espaços arquitetônicos diferentes daquelas hegemônicas e racionalizadas pela modernidade ocidental, em que a paisagem e o paisagismo são colocados enquanto espaços estáveis, contemplativos, estéticos, harmônicos e exóticos, que por sua vez são espaços de dominação, excludentes, higienistas e socialmente opressores.

A produção dessa paisagem rural pela Dona Maria e as demais mulheres da região, as escolhas das espécies a serem cultivadas e a organização desses lugares, são permeadas por relações de subjetividades, afetividades e criação poética. Esse paisagismo faz parte dos almoços de domingo em família ou com as visitas, constitui parte das receitas que são feitas para agrado dos familiares ou para momentos especiais, fortalece os laços entre as pessoas através das plantas regaladas ou das redes de trocas, e expressam sentimentos e emoções como elogios, satisfação, orgulho e afetos. Portanto, esse trabalho no espaço exterior doméstico, ao contrário do trabalho no interior doméstico, é visível e valorizado, e contribui para o empoderamento feminino.



roseira cultivada pela Dona Maria

legenda para o desenho seguinte

para entendimento do uso e ocupação do espaço rural, foram elaborados carimbos com os agentes criadores, transformadores e de manutenção do espaço exterior doméstico; são as ferramentas e objetos cotidianos que produzem, alteram e mantêm esses espaços; os animais, que no espaço rural têm enorme relevância no pensamento e na produção de espaços, e as plantas que também constituem e definem esses lugares.

ferramentas e objetos



animais



plantas da roça



frutas



plantas no entorno da horta



plantas medicinais



plantas da horta



embelezamento



plantas para fins religiosos



roça

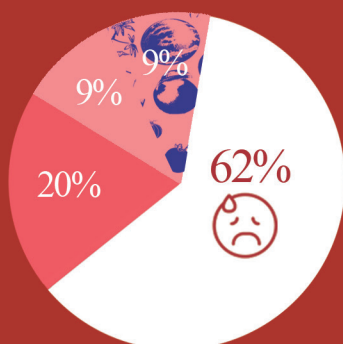
s.f. espaço de terra destinado ao cultivo de plantas para subsistência da família e também dos animais.

horta

s.f. espaço cercado para proteção contra animais, onde se planta legumes e verduras usados na alimentação do núcleo familiar, e para trocas com vizinhos e amigos, fortalecendo redes afetivas.

canteiro

s.m. espaço identificado com pedras ou tijolos, destinado ao cultivo de flores e folhagens, geralmente localizado na parte frontal da casa.



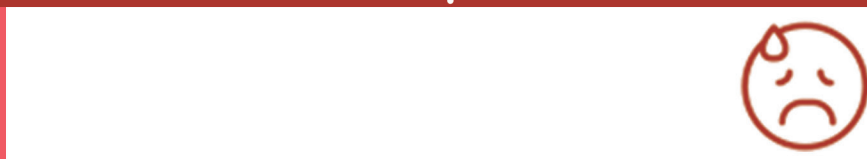
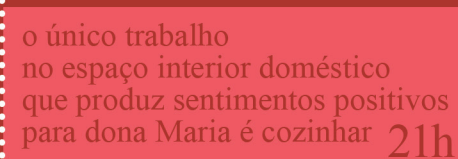
O trabalho no paisagismo que corresponde à jardinagem e ao cultivo das hortas e das roças, traz sentimentos de satisfação, bem estar e alegria para Dona Maria e às demais mulheres da região.

Porém, mais da metade do trabalho doméstico realizado no espaço interior das casas além de invisibilizado e não valorizado, traz esgotamento físico e emocional para as mulheres.

38% de felicidade
bem estar satisfação
alegria prazer

62% de cansaço dor
sem resultado acumulação
força estresse

esforço repetição
obrigação
não gosta de fazer
dificuldade sem ajuda
sempre a mesma coisa



0h

37h48

53h54

horas trabalhadas semanalmente

- satisfação no espaço interior doméstico
- satisfação no espaço exterior doméstico
- satisfação no paisagismo
- insatisfação no trabalho

S

O



roça

horta

canteiro

L

N

2. BEGÔNIA

2. BEIJO

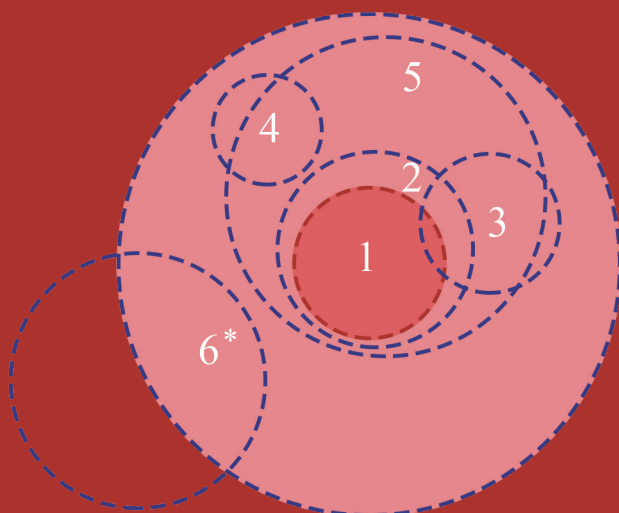


estética



2. ROSEIRA

diagrama da organização espacial do paisagismo



1. casa
2. jardim/canteiros
3. gramado
4. horta
5. terreiro
6. roça*

* algumas plantações como feijão, milho e mandioca, são cultivadas para a provisão do ano todo, por isso usam porções de terras maiores, que muitas vezes podem ficar mais distante ou fora do espaço doméstico da habitação.

- espaço interior doméstico
- espaço exterior doméstico

s cultivos da Dona Maria

alimentação

+ sombreamento

4. TOMATE
CEREJA



4. PIMENTÃO



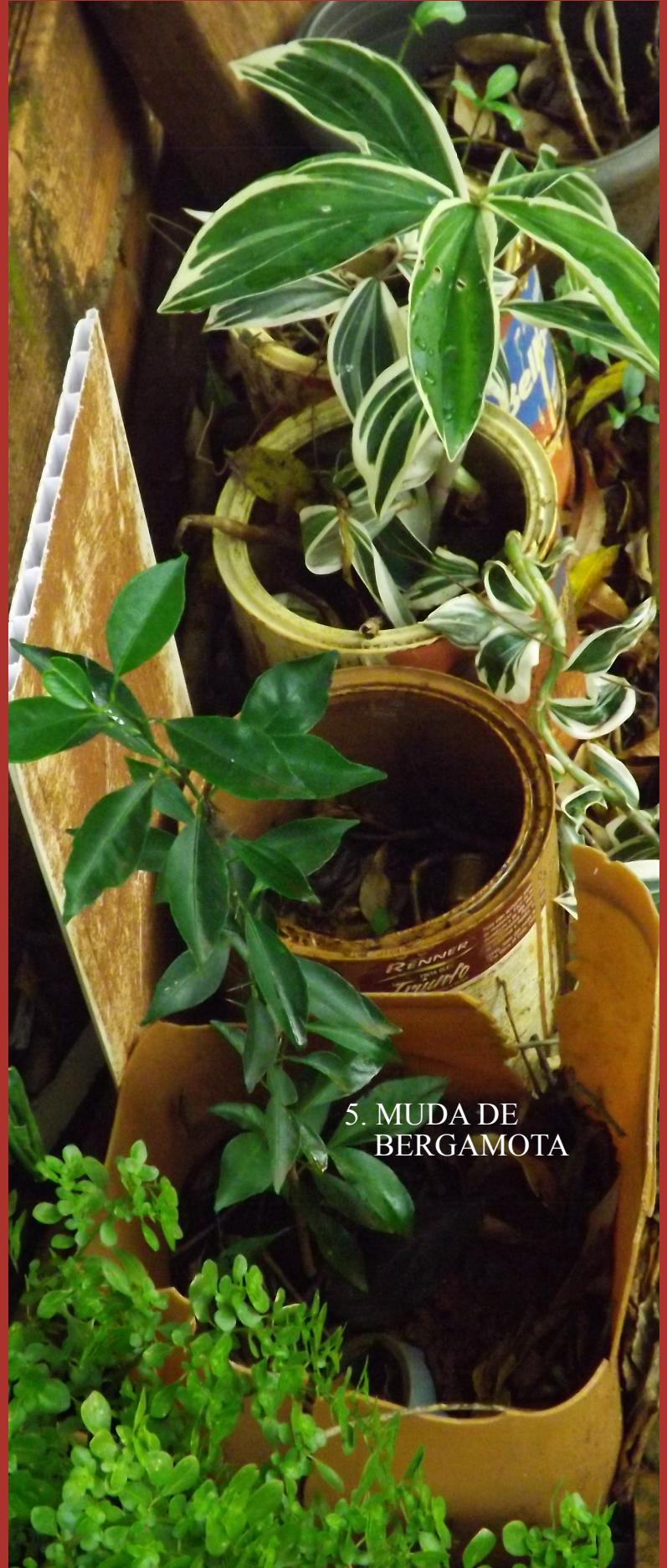
6. MANDIOCA



medicinal
5. ERVA CIDREIRA



5. MAMOEIRO



5. MUDA DE
BERGAMOTA

FOTOGRAFIAS POR MAICON RUGERI, 2017.

S

CASA DO FILHO



L

territórios das trocas e dos afetos

O



rios paraná e iguaçu

território urbano

N

epí l o g o

Chegando ao final desse trabalho de conclusão de curso é oportuno ressaltar que, apesar da problemática levantada ao analisar a arquitetura rural e as mudanças que nela ocorrem ao passar do tempo, as habitações construídas recentemente - a casa nova - por mais inadequadas que sejam ao contexto rural, ainda representam uma mudança significativa na vida dessas/es trabalhadoras/es rurais. Mesmo no caso das mulheres, as mais penalizadas com o aumento do trabalho doméstico, mudar de casa, traz novas vivências espaciais e subjetivas, distinguindo de maneira fundamental as diversas etapas da vida. Isso é importante porque recompõe em alguma escala a práxis humana e o cotidiano, ainda que o espaço doméstico continue opressivo. É um sonho colonizado, mas cumpre-se uma expectativa, realiza-se um desejo e uma construção social em torno da casa.

Sobre a produção paisagística subjetiva, destaco o quanto esses lugares e as relações com as plantas são importantes para as pessoas. A agricultura, a interação com a terra e com os ciclos naturais são usados tanto para a soberania alimentar quanto para a expressão estética e afetiva, sendo um lugar de criação onde o trabalho realizado para o cultivo é permeado de emoções e poesia. Assim, olhares mais sensíveis para esses lugares, nos revelam caminhos para um envolvimento harmônico com a natureza, valorizam e potencializam expressões culturais/poéticas e relações afetivas, podem ser um meio para recompor a práxis humana no âmbito cotidiano e contribuem para produção de espaços mais acolhedores e agradáveis aos suas/seus usuárias/os.

Também considero pertinente, uma reflexão acerca da carreira profissional da/o arquiteta/o e quais caminhos podemos seguir para a desenvolvermos como atividade mais justa e emancipatória. Precisamos ser conscientes do nosso desenho, e antes de tudo empáticos e sensíveis às/aos usuárias/os dos nossos projetos. Difícil é, em estruturas tão bem definidas e dominadas por homens, abordar com a devida relevância o debate feminista, quando sequer a clivagem de gênero é admitida. Sabe-se que nas escolas de arquitetura, pouco se discute sobre a desigualdade entre homens e mulheres na profissão, sobre a ausência de corpos dissidentes nos espaços, e mesmo sobre o modo de fazer arquitetura, que atualmente, se confunde com as especulações de mercado. Para uma mudança paradigmática deste quadro são necessários, entre outras coisas, trabalhos sob essa perspectiva aqui apresentada. Análises, discussões e críticas são importantes para a atividade projetiva e para a construção dos espaços, pois o discurso arquitetônico - incluindo aí o projeto arquitetônico - é quase sempre pautado pela acumulação de capital e pela colonialidade do saber.

Por fim, gostaria de encerrar este trabalho agradecendo àquelas/es que estiveram comigo durante o percurso, pessoas que me apoiaram e contribuíram para que esta pesquisa se desenhasse. Agradeço a minha família, a minha mãe Evanir, a meu pai Oldair e a meu irmão Maurício que sempre se dispuseram a me ajudar nesse caminho terroso. Agradeço aos meus amigos/os queridas/os, que sempre me ouviram e colaboraram com minhas ideias, angústias e experiências, e que ao nomeá-los, o faço por deriva: João Ricardo, Carolina Simionato, Fernando Kawaji (Yudi), Oswaldo Freitez, Luiz Todeschini e Isadora Flores; pelas suas poesias e seus carinhos e pelos momentos, tão bonitos, que tivemos sob o sol a pino da fronteira. Também cultivo fortes sentimentos a todas/os aquelas/es que diversas formas estiveram nesse trajetória. Agradeço enormemente aos professoras/es que caminharam junto a mim, a minha orientadora Andréia Moassab, por me guiar, se dedicar e acreditar nesse projeto, a Patricia Zandonade pelas doces conversas e pelo imenso apoio, e a Patrícia Anahory, Céline Veríssimo, Leonardo Name e Bruno Oliveira pelas dicas e comentários pertinentes a este trabalho.

Eu filho de agricultores da terra roxa, avisto o fim e o começo dessa estrada.



re f bibli erên gra cias fi cas

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo, In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 215.

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura na era digital-financeira: desenho, canteiro e renda da forma.** São Paulo: Editora 34, 2012.

ARES, Pablo; RISLER, Julia. **Iconoclastas: mapeos críticos, prácticas colaborativas y recursos gráficos de código abierto.** [s.l]: [s.i], [s.i]. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/202343142/Iconoclastas-mapeos-criticos-practicas-colaborativas-y-recursos-graficos-de-codigo-abierto>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BROWN, Denise Scott; VENTURI, Robert; IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas.** São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

BUTLER, Judith. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad.** Barcelona: Paidós, 2013.

CARVALHO, Raquel Alves de. **Identidade e cultura dos povos do campo no Brasil: entre preconceitos e resistências, qual o papel da educação?.** Curitiba: Appris, 2016.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

CIAMPA, Antonio da Costa. Políticas de identidade e identidades políticas. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz; PASSOS, Maria Consuelo (Org.). **Uma Psicologia Que Se Interroga - Ensaios.** São Paulo: Edicon, 2002. p. 133-144.

CORTÉS, José Miguel G.. **Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle social.** São Paulo: Senac, 2008.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe.** 2013. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/165852/mulheres-raca-e-classe.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y Diseño: La realización de lo comunal.** Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2016.

- FERRO, Sérgio. **Arquitetura e trabalho livre**. São Paulo: Cosac e Naify, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2007.
- FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, jan. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/Ldr25s>>. Acesso em: 23 nov. 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L& PM, 2015.
- GALEANO, Eduardo. **Patatas arriba**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
- HOBSBAWM, Eric. **La era del capital: 1848 - 1875**. Buenos Aires: Critica, 2010 .
- JACOB, Sam. **Architecture Enters the Age of Post-Digital Drawing**. 2017. Disponível em: <<http://www.metropolismag.com/architecture/architecture-enters-age-post-digital-drawing/>>. Acesso em: 21 nov. 2017.
- KOPP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. São Paulo: Nobel/E dusp, 1990.
- MASSEY, Doreen. **Space, Place and Gender**. Cambridge: Polity Press, 1994.
- MESQUITA, André Luiz. **Mapas dissidentes: proposições sobre um mundo em crise (1960-2010)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15042014-100630/pt-br.php>> . Acesso em: 28 nov. 2017.
- MIGNOLO, Walter D.. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.
- MIRANDA, Sheila Ferreira. Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: Revisitando os caminhos a edificação de uma teoria. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p.124-137, jul. 2014.
- MOASSAB, Andréia. **Território e identidade em Cabo Verde: debate sobre a (frágil) construção identitária em contextos recém independentes no mundo globalizado**. 2013. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cidade/territorio-e-identidade-em-cabo-verde-debate-sobre-a-fragil-construcao-identitaria-em-context>>. Acesso em: 16 nov. 2017.
- MOASSAB, Andréia e ANAHORY, Patrícia. **Panorama da Arquitectura Habitacional em Cabo Verde**. Praia: no prelo.
- MOASSAB, Andreia e BASTOS, Tiago. **Cartografia do Devir no Quilombo Apepu**. Foz do Iguaçu: PROEX/UNILA. Projeto de Extensão, 2014.
- MOASSAB, Andréia. **Brasil Periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop**. São Paulo: educa/fapesp, 2012.
- MOASSAB, Andréia. Housing Architecture in Cape Verde. In: TRUSSIANI, Elio. **Urban Planning, Architecture and Heritage in Cape Verde**. Roma: Orienta, 2013.

MOASSAB, Andréia. Os desafios de introduzir a categoria gênero no ensino de arquitetura e urbanismo. **Arquitetas Invisíveis**, Brasília, v. 1, n. 1, p.61 - 64, 2016.

NAME, Leonardo e MOASSAB, Andréia. Por um ensino de paisagismo crítico e emancipatório na América Latina: um debate sobre tipos e paisagens dominantes e subalternos. In: **Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil**, 12, 2014. Anais... Vitória: ENEPEA, 2014.

OLIVEIRA, Bruno Elias Gomes de. **Variantes sin contenido**: territórios, especulação estética e visualidades decoloniais na América Latina. 2016. 107f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos, Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

PORTOCARRERO, José Afonso. **Tecnologia Indígena em Mato Grosso**: Habitação. Cuiabá: Entrelinha, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Para outras conexões rural-urbanas: A reapropriação social da natureza**. [s.l]: [s.i], 2009. Disponível em: <[http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Carlos Walter Porto-Gonçalves - PARA OUTRAS CONEXÕES RURAL-URBANAS.pdf](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Carlos%20Walter%20Porto-Gon%C3%A7alves%20-%20PARA%20OUTRAS%20CONEX%C3%95ES%20RURAL-URBANAS.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PRIORI, Angelo et al. **A história do Oeste do Paraná**. Maringá: Eduem, 2012. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-07.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

SAMUEL, Medina. **Kooza/rch: o website por trás da revolução pós-digital do desenho**. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/870067/kooza-rch-o-website-por-tras-da-revolucao-pos-digital-do-desenho>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN, Alides Baptista (Org.). **Espaço, gênero e feminilidade**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011.

TOZARIN, Victor Hugo. **Por mais jardins ordinários**: Paisagismo subjetivo como tecnologia social. 2016. 64f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, BelasArtes, SãoPaulo, 2016.

VERÍSSIMO, Céline. A importância do Espaço Doméstico Exterior para um modelo de ecodesenvolvimento de cidades médias. O caso do Dondo, Moçambique. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s.i.] , n. 100, p.177 - 212, maio 2013. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/5277>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

VIANELLO, Mino; CARAMAZZA, Elena. **Género, espacio y poder**: para una crítica de las Ciencias Políticas. Madri: Ediciones Cátedra, 2002.

WAISMAN, Marina. **O interior da história**: Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ref
erências

art
ísticas

AKERMAN, Chantal. **Jeanne Dielman, 23, quai du Commerce, 1080 Bruxelles**. Bruxelas: Paradise Films/ Unité Trois, 1975. (201 min.), son., color. Longa-metragem.

ALBUQUERQUE, Georgina de. **Na plantação de café.** [S.l], 1930. Pintura.

BURGA, Teresa. Sem título. [S.l], 1967. Instalação artística.

BEMBERG, Maria Luisa. **El Mundo de la Mujer.** [S.l]: 1972. Son., color. Curta-metragem.

DENES, Agnes. **Wheatfield - A Confrontation:** Battery Park Landfill, Downtown Manhattan. Nova Iorque, 1982. Intervenção Urbana.

FAHLSTRÖM, Öyvind. **Garden - A World Model.** [S.l]: 1973. Escultura.

FALA, Atelier. **House for three generations.** Lisboa, 2015. Representação arquitetônica.

FERRARI, León. **Camas.** [S.l], 1982. Heliografia.

GARCÍA, Joaquín Torres. **América Invertida.** [S.l], 1943. Desenho.

HINCAPIÉ, María Teresa. **Una cosa es una cosa.** [S.l], 1990. Performance artística.

KOZLOFF, Joyce. **Palestine.** [S.l], 2013. Colagem.

MAIOLINO, Ana Maria. **Arroz e Feijão.** São Paulo, 2010. Instalação artística.

MCMILLAN, Michael. **The West Indian Front Room.** Londres, 2005. Série fotográfica.

MORAIS, Maria. **Tagus Baths.** Lisboa, 2016. Representação arquitetônica.

JACOB, Sam. **Archaeograph 1.** Londres, 2014. Representação arquitetônica.

JEYIFOUS, Olalekan. **Architecture of abandoned housing.** [S.l], [S.i]. Desenho.

OLIVEIRA, Bruno; TOZARIN, Vitor. **Oficina Botânica Ordinária.** Tucumán, 2017. Instalação artística.

PIMENTEL, Wanda. **Série Envolvimento.** [S.l], 1968. Pintura.

ROSLER, Martha. **Hot Meat.** [S.l], 1969. Colagem.

ROSLER, Martha. **Semiotics of the Kitchen.** [S.l]: 1975. (6 min.), son., P&B. Videoart.

SALCEDO, Doris. **Plegaria Muda.** Malmö, 2008. Escultura.

SUPERSTUDIO. **Monumento Continuo.** Florença, 1969. Colagem.

UKELES, Mierle Laderman. **Hartford Wash:** Washing. Connecticut, 1973. Performance artística.

VIDAL, Rafael. **Cartografia dos quintais.** 2015. 167 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2015.

WHITEREAD, Raquel. **House.** Londres, 1993. Escultura.

O nome terra roxa vem de um equívoco de tradução: os imigrantes italianos que aqui chegaram, chamavam a terra vermelha de *terra rossa*, pois *rosso* no italiano é vermelho. Ao traduzirem ao português se utilizou-se a palavra de fonética mais próxima ao *rossa*, ou seja, roxa.